



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA

**PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS DO DISTRITO
FEDERAL SOBRE OS PRINCÍPIOS DA GUARDA RESPONSÁVEL
E A INFLUÊNCIA NO BEM-ESTAR ANIMAL E NA SAÚDE PÚBLICA**

Amanda Karen de Freitas Machado

Orientador: Prof. Dr. Jair Duarte da Costa Júnior

BRASÍLIA - DF
DEZEMBRO/2019



AMANDA KAREN DE FREITAS MACHADO

**PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS DO DISTRITO
FEDERAL SOBRE OS PRINCÍPIOS DA GUARDA RESPONSÁVEL
E A INFLUÊNCIA NO BEM-ESTAR ANIMAL E NA SAÚDE PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
em Medicina Veterinária apresentado junto à
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária
da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Jair Duarte da Costa Júnior

BRASÍLIA - DF
DEZEMBRO/2019

Ficha Catalográfica

Machado, Amanda Karen de Freitas

Percepção dos tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre os princípios da guarda responsável e a influência no bem-estar animal e na saúde pública /Amanda Karen de Freitas Machado; orientação de Jair Duarte da Costa Júnior, — Brasília, 2019.

77 p. : ii.

Trabalho de conclusão de curso de graduação Universidade de Brasília/Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2019.

Cessão de Direitos

Nome do Autor: Amanda Karen de Freitas Machado

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: Percepção dos tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre os princípios da guarda responsável e a influência no bem-estar animal e na saúde pública.

Ano: 2019

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva-se a outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Amanda Karen de F. Machado

Amanda Karen de Freitas Macha

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome do autor: MACHADO, Amanda Karen de Freitas

Título: Percepção dos tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre os princípios da guarda responsável e a influência no bem-estar animal e na saúde pública

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado junto à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília

Aprovado em: 05/12/2019

Banca Examinadora

Prof.^a MSc. Christine Souza Martins

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: Aprovada

Assinatura: Christine Souza Martins

M.V. Dr^a. Sabrina dos Santos Costa Poggiani

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: Aprovada

Assinatura: Sabrina

M.V. MSc. Andrea Helena Anicet F. Mattos

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: Aprovada

Assinatura: Andrea Helena Anicet F. Mattos

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais Wilson Machado e Luciana Ferraz por todo suporte, ensinamentos e oportunidades que contribuíram tanto para a minha formação profissional quanto pessoal. Obrigada por sempre me incentivarem a fazer o que eu gosto e por me ensinarem a lutar e correr atrás do que desejo.

A minha irmã, Karyna Ferraz, que sempre foi o meu exemplo e me deu apoio quando necessário.

Ao meu namorado, Thiago Araújo, por todo carinho e companheirismo nos momentos bons e ruins. Obrigada por torcer tanto pelo meu sucesso, acreditar em mim e me ajudar tanto, principalmente na elaboração desse trabalho.

Aos meus amigos da graduação, em especial a Adriane Fernandes, Carolina Leite, Dannyele Morais, Elídio Filho, Lívia Cunha e Luana Freitas por todos os momentos compartilhados desde o início da nossa trajetória na veterinária, pelo conhecimento construído juntos e pela amizade que espero levar para a vida toda. Sabemos que o caminho até aqui não foi fácil, mas vocês tornaram tudo mais leve.

Aos meus professores, por todo conhecimento transmitido e toda dedicação.

Aos Médicos Veterinários do Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau e do Hospital Veterinário da Universidade de Brasília por todo conhecimento compartilhado durante o meu estágio supervisionado. Cresci e aprendi muito com cada um de vocês.

Agradeço à Universidade de Brasília, que foi minha segunda casa nos últimos 5 anos e meio, pelas oportunidades, pelos momentos vividos e pelas pessoas que lá conheci.

A todos os tutores que disponibilizaram o seu tempo participando do questionário e foram essenciais para a elaboração desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos os animais que me inspiraram a seguir essa profissão e participaram ativamente da minha formação acadêmica, em especial a Julie, que não está mais aqui, mas que levo sempre comigo.

“A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da
natureza humana”

Charles Robert Darwin

SUMÁRIO

PARTE I - PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS DO DISTRITO FEDERAL SOBRE OS PRINCÍPIOS DA GUARDA RESPONSÁVEL E A INFLUÊNCIA NO BEM-ESTAR ANIMAL E NA SAÚDE PÚBLICA.....	1
1. INTRODUÇÃO.....	2
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 Guarda responsável.....	4
2.2 Bem-estar de animais de companhia.....	5
2.3 Zoonoses.....	7
2.4 O Papel do Médico Veterinário.....	9
3. OBJETIVOS.....	12
3.1 Objetivo geral.....	12
3.2 Objetivos específicos.....	12
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	13
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
6. CONCLUSÃO.....	32
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
PARTE II - RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	42
1. INTRODUÇÃO.....	43
2. HOSPITAL VETERINÁRIO DR. ANTÔNIO CLEMENCEAU – HVC.....	44
2.1 Estrutura Física e Atendimentos.....	44
2.2 Atividades Desenvolvidas.....	46
2.3 Casuística de Animais Atendidos.....	47
2.4 Discussão.....	51
3. HOSPITAL VETERINÁRIO DE PEQUENOS ANIMAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – HVET/UNB.....	52
3.1 Estrutura Física e Atendimentos.....	52
3.2 Atividades Desenvolvidas.....	53
3.3 Casuística de Animais Atendidos.....	54
3.4 Discussão.....	57
4. CONCLUSÃO.....	58
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO.....	59
APÊNDICE B - TESTE QUI-QUADRADO.....	66

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O bem-estar animal pode ser medido através do recurso a medidas baseadas nas entradas e nas saídas *ICC= Índice de Condição Corporal; ICM= Índice de Condição Muscular (WSAVA, 2018)	7
FIGURA 2 - Espécie de animal que os tutores alegaram possuir	15
FIGURA 3 – Principal motivo para adquirir o animal, de acordo com os tutores..	16
FIGURA 4 - Frequência de vacinação relatada pelos tutores	17
FIGURA 5 - Principal local onde os tutores costumam realizar a vacinação dos seus animais	18
FIGURA 6 - Frequência de vermifugação relatada pelos tutores	19
FIGURA 7 - Principal motivo que leva os tutores a castrar os seus animais.....	20
FIGURA 8 - Relação entre os grupos de tutores de acordo com a(as) espécie(s) que possuem e a forma de criação baseada no acesso ou não à rua	20
FIGURA 9 - Frequência de escovação relatada pelos tutores que praticam a higienização oral dos seus animais	21
FIGURA 10 - Principais fatores que as pessoas levam em consideração no momento de escolher uma ração para o seu animal.....	22
FIGURA 11 - Principal local onde os tutores costumam adquirir a ração dos seus animais	23
FIGURA 12 - Reação dos tutores quando o animal aparenta estar doente	24
FIGURA 13 - Meios de informação relatados pelos tutores de onde obtiveram conhecimento sobre doenças zoonóticas.....	26
FIGURA 14 - Métodos preventivos para Leishmaniose relatados pelos tutores ..	27
FIGURA 15 - Formas de transmissão da Leishmaniose Visceral aos seres humanos de acordo com os tutores	28
FIGURA 16 - Formas de transmissão da Raiva aos seres humanos de acordo com os tutores.....	29
FIGURA 17 - Formas de transmissão da Toxoplasmose aos seres humanos de acordo com os tutores	30
FIGURA 18 - Respostas obtidas pelos tutores quando questionados se os Médicos Veterinários são suficientemente esclarecedores quando explicam os	

cuidados necessários para prevenção de doenças transmitidas por animais	30
FIGURA 19 - A) Setor de internação “D”. B) Setor de internação “C”. C) Setor de internação de felinos. D) Setor de internação “E” para cães de grande porte. E) Unidade de terapia intensiva.	44
FIGURA 20 - Consultórios para os atendimentos de clínica médica geral e algumas especialidades do Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau.....	45
FIGURA 21 - A) Um dos centros cirúrgicos. B) Sala de ultrassonografia. C) Sala de radiografia. D) Sala de hemodiálise.....	46
FIGURA 22 - Hidroesteira para cães no espaço de fisioterapia do Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau	46
FIGURA 23 - Proporção de cães e gatos atendidos durante o período de estágio no Hospital Dr. Antônio Clemenceau.....	48
FIGURA 24 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau	49
FIGURA 25 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau	51
FIGURA 26 - - A) Faixada do Hospital Veterinário da UnB. B) Banco de sangue canino. C) Internação de felinos. D) Consultório de felinos. E) Consultório 6 da clínica médica. F) Consultório 5 da clínica médica. G) Um dos centros cirúrgicos.	53
FIGURA 27 - Proporção de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília.....	54
FIGURA 28 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília	56
FIGURA 29 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília	57

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Frequência absoluta (N) e relativa (%) do perfil dos tutores avaliados pelo questionário	14
TABELA 2 - Respostas dadas pelos tutores sobre doenças transmitidas dos animais aos seres humanos e a frequência absoluta e relativa de cada uma.....	25

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau	48
QUADRO 2 - Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau	50
QUADRO 3 – Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília	55
QUADRO 4 - Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília	56

RESUMO

A convivência com animais de estimação proporciona inúmeros benefícios aos seres humanos. Contudo, quando os animais são criados de forma inadequada, há impacto na saúde e bem-estar dos animais e na saúde pública devido ao risco de disseminação de doenças, acidentes, agressões e superpopulação de animais. Nesse sentido, objetivou-se nesse estudo avaliar a percepção de tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre a guarda responsável de animais, conhecimento sobre zoonoses e sobre o papel do Médico Veterinário através da aplicação de um questionário divulgado através das redes sociais. De acordo com os dados obtidos, foi possível identificar que o perfil predominante de entrevistados nessa pesquisa foram adultos entre 26 a 40 anos, com nível superior e considerados como classe C quanto ao aspecto socioeconômico. Entre os 522 entrevistados, a maioria demonstrou conhecimento satisfatório sobre o calendário vacinal, a vermifugação, o controle de ectoparasitas e a importância da castração. Por outro lado, existem atitudes que demandam atenção, uma vez que é notória a escassez de informação em relação a importância da higienização oral com frequência adequada, da utilização de identificação nos animais e do acompanhamento veterinário em caso de enfermidades. O conhecimento sobre zoonoses foi considerado limitado, pois uma parcela significativa dos tutores desconhecem as formas de transmissão e prevenção das doenças. De um modo geral, o Médico Veterinário têm cumprido o seu papel ao informar aos tutores sobre os princípios da guarda-responsável, no entanto, a propagação de informações acerca de zoonoses ainda é precária, sendo necessário o desenvolvimento de projetos que englobam ações relativas à educação contínua sobre a guarda responsável para que a saúde e bem-estar dos animais e a saúde da coletividade seja preservada.

Palavras-chave: veterinário, questionário, zoonoses.

ABSTRACT

Living with pets provides numerous benefits to humans. However, when animals are raised inappropriately, there is an impact on animal health and welfare and public health due to the risk of spreading zoonosis, accidents, aggression and overpopulation. The main objective of this study was to evaluate the perception of dog and cat guardians of the Distrito Federal about responsible pet ownership, knowledge about zoonosis and the role of the veterinarian through the application of an online survey disseminated through social networks. According to the results obtained, it was possible to identify that the predominant profile of respondents in this research were adults between 26 and 40 years old, undergraduates and considered as class C regarding socioeconomic aspect. Among the 522 respondents, most of them showed satisfactory knowledge about the vaccination schedule, deworming, control of ectoparasites and the importance of neutering. Although, there are attitudes that demand attention like the importance of oral hygiene with adequate frequency, the use of animal identification and veterinary monitoring in case of illnesses. Knowledge about zoonosis was considered limited, as a significant portion of tutors are unaware of the ways of disease transmission and prevention. In general, the Veterinarian has fulfilled his role in informing tutors about responsible pet ownership principles, however, the dissemination of information about zoonosis is still precarious, and the development of projects that include social actions related to continued education on responsible pet ownership so that animal health and welfare is preserved, as well the community's health.

Keywords: veterinarian, survey, zoonosis.



**PARTE I - PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS
DO DISTRITO FEDERAL SOBRE OS PRINCÍPIOS DA GUARDA
RESPONSÁVEL E A INFLUÊNCIA NO BEM-ESTAR ANIMAL E
NA SAÚDE PÚBLICA**

1. INTRODUÇÃO

A criação de animais de estimação se intensificou a partir dos séculos XVI e XVII com a melhoria da qualidade de vida da população, possibilitando a criação de animais sem a finalidade econômica (THOMAS, 1988). A relação entre os seres humanos e os animais evoluiu ao longo dos anos, devido às mudanças nos hábitos sociais e culturais, resignificando o papel e a importância dos animais no núcleo familiar e na rotina das pessoas (ELIZEIRE, 2013).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2013, há 52,2 milhões de cães e 22,1 milhões de gatos domiciliados, sendo que 44% dos domicílios apresentam pelo menos um cão e 17% ao menos um gato, o que resulta em número total de cães superior ao de crianças no país. Esses dados conferem ao Brasil o segundo lugar mundial em número total de cães e gatos, atrás apenas dos Estados Unidos.

A crescente demanda por animais de estimação pode ser atribuída aos efeitos positivos da convivência com animais na qualidade de vida e bem-estar das pessoas, por diminuir os índices de depressão, estresse e ansiedade, melhorar o humor, aumentar a expectativa de vida e influenciar na socialização de idosos, crianças e deficientes (SANTANA, 2004). Estudos realizados por Allen *et al.* (2002) associam, ainda, o convívio com animais à redução de alguns fatores de risco cardiovascular, incluindo a redução da pressão arterial e níveis de triglicérides.

Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios da relação homem-animal, a Organização Mundial da Saúde – OMS (2019) ressalta que esse convívio requer cuidados que, se ignorados, podem trazer consequências indesejadas, principalmente a transmissão de doenças zoonóticas. As zoonoses podem ocorrer devido à falta de ações de guarda responsável, como o controle sanitário e populacional de animais, pela escassez de informação ou pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde animal (SCHOENDORFER, 2001).

A conscientização dos tutores das responsabilidades que envolvem adquirir um animal é primordial. Diante disso, nos últimos anos as mídias sociais, organizações não governamentais e entidades de proteção animal têm somado esforços para conscientizar a comunidade sobre o conceito e aplicabilidade da guarda responsável (ANDRADE, *et al.*, 2015). Os profissionais da saúde,

principalmente os Médicos Veterinários, exercem um papel fundamental como difusores de conhecimento e promotores da saúde, prezando pelo bem-estar animal e pela saúde pública (SILVANO *et al.*, 2010).

Diante do contexto apresentado, desenvolveu-se este estudo com o objetivo de avaliar a percepção de tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre guarda responsável e zoonoses, observando o nível de conhecimento e conscientização dos tutores acerca do temas, bem como suas implicações no bem-estar animal e na saúde pública.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Guarda responsável

O termo guarda responsável já foi denominado posse responsável. O motivo da mudança da expressão se deve ao fato de posse sugerir bens materiais e, por se tratar de seres vivos sencientes, o emprego de guarda se torna mais adequado (SILVANO, *et al.*, 2010).

No ano de 2003, durante a primeira reunião latino-americana de especialistas em posse responsável de animais de companhia e controle populacional, promovida pela OMS e pela *World Society for Protection of Animals* (WSPA), surgiu o conceito de guarda responsável como sendo uma série de condutas e cuidados que o tutor deve se comprometer a cumprir para ter a guarda de um animal de estimação. As ações devem ser centradas na qualidade de vida, promoção do bem-estar e manutenção da sanidade, de forma que suas necessidades físicas, psicológicas e ambientais sejam atendidas. Além disso, o tutor também deve ser responsável pela prevenção de riscos que o animal possa representar para a comunidade ou para o ambiente, como potencial de agressão, transmissão de doenças ou danos a terceiros (SANTANA, 2004).

De acordo com Catapan *et al.* (2015), os tutores devem garantir alimentação de boa qualidade, água limpa em abundância, vacinação e vermifugação em tempo oportuno, abrigo e condições higiênicas adequadas, castração como medida de controle populacional e consultas periódicas com o Médico Veterinário. Domingues (2012) ressalta, ainda, a importância de proporcionar atividades físicas, interação com outros indivíduos e de manter o animal em espaço domiciliar, sem acesso à rua sem supervisão.

Algumas cidades e municípios brasileiros criaram leis específicas acerca da guarda responsável de animais, a fim de definir obrigações aos tutores e punir aqueles que infringirem tais determinações (BONETTO, 2015). No Distrito Federal existe a Lei Distrital 2.095 publicada no ano 1998, que estabelece diretrizes relativas à proteção e à defesa dos animais, bem como a prevenção e controle de zoonoses. Como exemplo, o excerto do texto da referida lei:

Art. 3º - Os proprietários são responsáveis pela manutenção dos animais em boas condições de alojamento, alimentação, saúde e bem-estar, pela

remoção dos dejetos por eles deixados nas vias públicas, bem como pelos danos que causem a terceiros.

Art. 6º - Os proprietários de cães e gatos são obrigados a vaciná-los periodicamente contra a raiva e outras zoonoses.

Art. 8º - Qualquer animal com sintomatologia clínica de zoonose diagnosticada por médico veterinário será imediatamente isolado, segundo orientação de autoridade da saúde pública.

No entanto, a divulgação de informações para conscientização coletiva é ineficiente, de forma que muitos tutores carecem de informações sobre cuidados básicos e não têm exercido o seu papel de forma satisfatória, gerando consequências para os animais, seres humanos e para a saúde pública. (PELLENZ *et al.*, 2016). Como resultado, há o aumento da proporção de animais abandonados e conseqüentemente aumento da população de animais errantes, disseminação de doenças de caráter zoonótico, maior índice de acidentes automobilísticos e acidentes com mordeduras (SILVANO *et al.*, 2010).

Segundo Mendonça (2019), possuir um animal de estimação requer planejamento para que resulte em uma relação mutuamente harmônica, por isso é importante que o tutor saiba o tempo médio de vida do animal, se suas finanças são condizentes com os custos de criação, se possui disponibilidade de tempo, se o espaço disponível é adequado conforme o porte e as necessidades do animal, se todos os membros residentes do local concordam com a presença do animal e ter conhecimento sobre as características da espécie e da raça.

Andrade, *et al.* (2015) afirma que o comprometimento com a guarda responsável não deve ser restrito apenas aos tutores. É fundamental a ação conjunta de profissionais da saúde e do poder público visando a divulgação de informações para que haja a sensibilização da população perante a sua responsabilidade sobre a sanidade e bem-estar dos animais e conseqüentemente a saúde da coletividade.

De acordo com Landsberg *et al.* (2003), conforme citado por Gazzano *et al.* (2008), a primeira consulta veterinária de um filhote é a oportunidade ideal para que os tutores sejam informados sobre os cuidados básicos necessários, prevenção de doenças e comportamento animal.

2.2 Bem-estar de animais de companhia

Desde os primórdios da humanidade os animais estiveram presentes no convívio humano, sendo utilizados principalmente como alimento, meio de

transporte, guarda, vestimenta, entretenimento e companhia. Ao longo dos anos, a visão sobre as condições de vida e bem estar desses seres vivos foi mudando, assim como a relação entre os seres humanos e os animais (ARAUJO, 2015). Essa relação tem se modificado devido a criação de um laço humano-animal, que pode ser descrito como uma relação mutuamente benéfica, que é essencial para a saúde e bem-estar de ambas as partes (*American Veterinary Medical Association*, 2019).

Os animais são considerados seres sencientes, ou seja, possuem a capacidade de reagir a estímulos positivos ou negativos de forma consciente, similar à sensibilidade humana no que se refere à dor, memória, angústia e instinto de sobrevivência. Reconhecer a senciência provoca reflexões éticas acerca do grau de sofrimento provocado aos animais pela forma que são tratados e utilizados (SOUZA, 2008).

Duncan (2005) afirma que o bem-estar animal estabelece o grau em que as necessidades físicas, fisiológicas, psicológicas, comportamentais, sociais e ambientais de um animal são supridas, e ele está em harmonia com o ambiente em que vive. Esse conceito também está relacionado aos sentimentos de prazer, conforto, liberdade, controle, sofrimento, dor, medo, ansiedade, estresse e frustração.

O bem-estar animal é baseado nas cinco liberdades, de acordo a *World Veterinary Association* (1993):

1. Psicológica: os animais devem ser tratados de forma que não sofram emocionalmente e não sintam medo, estresse ou ansiedade.

2. Comportamental: é necessário espaço e condições adequadas para que expressem o seu comportamento natural.

3. Fisiológica: os animais não devem sentir fome ou sede.

4. Sanitária: referente às questões de saúde física, como ausência de dores, ferimentos e doenças.

5. Ambiental: os animais devem viver em ambiente adequado, livres de qualquer desconforto.

Segundo a *World Small Animal Veterinary Association* – WSAVA (2018) os animais respondem, diretamente, ao ambiente que os rodeia. Estas respostas podem ser mensuradas e utilizadas como indicadores de bem-estar animal. O

estado de bem-estar de um animal pode ser avaliado mediante o recurso de entradas e saídas, conforme exposto na FIGURA 01.

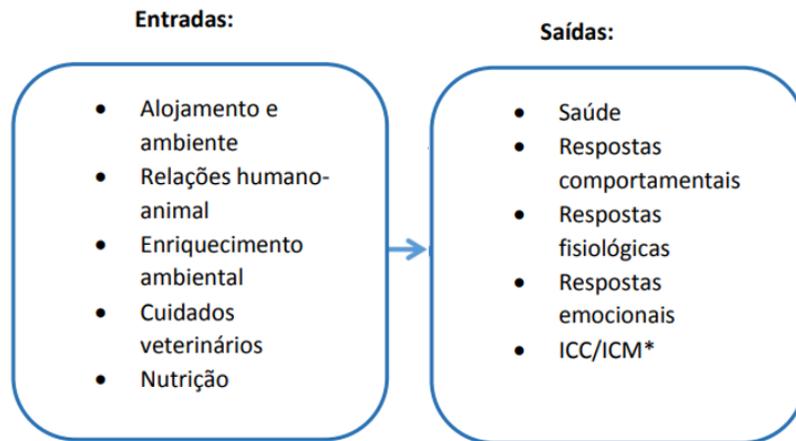


FIGURA 1 - O bem-estar animal pode ser medido através do recurso a medidas baseadas nas entradas e nas saídas *ICC= Índice de Condição Corporal; ICM= Índice de Condição Muscular (WSAVA, 2018)

As entradas incluem fatores como ambiente, nutrição, contato social com humanos e/ou animais e os cuidados médico veterinários. Há uma necessidade absoluta de entradas, como uma nutrição de boa qualidade para proporcionar a base para um nível elevado de bem-estar. As medidas de saída podem ser úteis para avaliar se as entradas estão sendo adequadamente proporcionadas, pois é um reflexo do que é fornecido ao animal. Por exemplo, caso não tenha sido realizada a vacinação, o animal estará suscetível a contrair doenças infecciosas, o que configura um bem-estar negativo. Caso o animal tenha pouca interação social com humanos e/ou outros animais, ele pode manifestar sinais fisiológicos e comportamentais de estresse, como a ansiedade por separação (WSAVA, 2018).

2.3 Zoonoses

De acordo com a OMS (2019), zoonoses são doenças ou infecções que podem ser transmitidas naturalmente entre os animais vertebrados e os seres humanos, através de agentes bacterianos, virais ou parasitários. Os animais atuam como reservatórios de infecção, podendo ser sintomáticos ou assintomáticos.

As zoonoses ocorrem desde os tempos pré-históricos da humanidade, quando se iniciou a estruturação da agricultura, a domesticação dos animais e a formação de aldeias. A expansão dessas doenças ocorreu durante o período da

Idade Média, com a formação de cidades medievais dentro dos castelos feudais, que passaram a reunir condições favoráveis para o crescimento das populações de animais sinantrópicos, como a aglomeração de pessoas, alimentos e resíduos (VASCONCELLOS, 2010).

VASCONCELLOS (2010) afirma, ainda, que atualmente as doenças zoonóticas têm maior incidência em regiões com grandes aglomerados urbanos associados com piores condições de saneamento básico e qualidade de vida, comum em países em desenvolvimento.

Existem cerca de 150 doenças zoonóticas conhecidas, e algumas delas são de grande importância para a saúde pública. Por exemplo a raiva, leptospirose, larva *migrans* visceral e cutânea, tuberculose, toxoplasmose, febre amarela e leishmaniose (LANGONI, 2004). Segundo Westgarth *et al.* (2007), cães e gatos podem albergar de 30 a 40 agentes zoonóticos, que são transmitidos por diversas vias, principalmente através da mordedura, arranhadura e contato com excrementos.

A procriação descontrolada e o abandono são fatores que contribuem para aumento da incidência de zoonoses, resultante da falta de conscientização dos tutores acerca dos princípios da guarda responsável, prejudicando a integração harmoniosa entre os animais e a sociedade (LAGES, 2009).

Em relação à incidência de zoonoses no Distrito Federal (DF), Silva, G. J. (2017) levantou que no período de 2004 a 2015 foram registrados 321 casos confirmados de Leishmaniose Visceral Humana (LVH), dos quais 4,8% evoluíram para óbito. Dados mais recentes da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (2019) registraram 35 casos de LVH entre 2018 e 2019, sendo 17 residentes do DF e 18 de outras Unidades Federadas. A principal forma de transmissão da *Leishmania sp.* para o homem e outros hospedeiros mamíferos é através da picada de fêmeas de flebotomíneos infectadas, pertencentes à família *Psychodidae* (SOUSA, T. C. *et al.*, 2015).

Em 2018, foram notificados 12.388 casos de atendimento antirrábico humano no DF. A exposição por mordedura foi a responsável pela maioria dos atendimentos antirrábicos (89,7%), seguida por arranhadura (7,8%). Embora somente um caso autóctone de raiva humana foi confirmado no DF, ocorrido em 1978. Em contrapartida, o último cão diagnosticado com raiva no DF foi em 2000,

e o último relato em gatos no DF no ano de 2001 (Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 2018). A raiva é uma das mais importantes zoonoses. A transmissão da doença pode ocorrer por mordedura, arranhadura ou lambadura de animais infectados (BABNONIA & MODOLO, 2011). A transmissão via aérea pode ocorrer raramente, mas não tem significância epidemiológica no ciclo de transmissão (BATISTA, *et al.*, 2007).

No período de 2011 a 2016 foram registradas 231 gestantes diagnosticadas com toxoplasmose no Distrito Federal (SANTOS, M. A. O & NUNES, 2017). Os dados mais recentes são relatados pela Subsecretaria de Vigilância em Saúde (2017), que registrou 20 casos em gestantes moradoras do DF em 2017. A toxoplasmose torna-se mais importante em indivíduos imunocomprometidos e mulheres grávidas, visto que em tais condições a doença pode ser fatal (GARCIA *et al.*, 1999). A transmissão da doença pode ocorrer através da ingestão de oocistos eliminados nas fezes dos gatos, presentes na água contaminada, solo, areia, frutas e verduras; pelo consumo de carnes e produtos de origem animal crus ou malcozidos contendo o protozoário e pela via transplacentária (BREGANÓ, *et al.*, 2010).

As doenças transmitidas pelos animais aos seres humanos representam uma preocupação constante para as autoridades e profissionais que atuam na saúde pública. Existe uma carência de informação sobre a prevalência de determinadas doenças, formas de transmissão, medidas profiláticas e fatores de risco (OLIVEIRA-NETO *et al.*, 2011), motivo pelo qual o processo educativo da população leiga deve ser feito de forma contínua, não somente em campanhas, e de forma multidisciplinar, envolvendo as medicinas humana e veterinária (GRANT & OLSEN, 1999; SOTO & BERNARDI, 2011).

2.4 O Papel do Médico Veterinário

A Medicina Veterinária surgiu como uma área do conhecimento promotora da saúde dos animais. No entanto, com o passar do tempo e o surgimento da medicina veterinária preventiva, começou a ser utilizada também como promotora da saúde humana (COSTA, 2011). Nesse contexto, a saúde pública veterinária é resultado da aplicação do conhecimento profissional do

médico veterinário para a proteção e promoção da saúde humana e para a economia (PFUETZENREITER & ZYLBERSZTAJN, 2004).

É de grande importância a participação do médico veterinário na prática médica, cuidando da saúde dos animais de produção e de companhia, orientando tutores e tratadores sobre medidas preventivas, uma vez que lhes cabe o papel da notificação destas doenças aos órgãos oficiais de saúde e na difusão de informações aos clientes, atuando, assim, como um agente de saúde pública (BÜRGER, *et al.*, 2009)

Segundo o Conselho Nacional de Saúde Pública Veterinária – CNSPV (2012), que faz parte do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), a publicação da Portaria 2.488 de 21 de outubro de 2011 incorporou a Medicina Veterinária no Núcleo de Apoio à Saúde da família (NASF), devido ao seu conhecimento sobre zoonoses e aspectos clínicos em animais. Os NASFs são constituídos por equipes de diversas áreas do conhecimento, que atuam de forma integrada desenvolvendo atividades como consultas e diagnósticos conjuntos e ações de educação em saúde entre a população, intervindo em problemas e atendendo necessidades nos municípios em termos sanitários e ambientais.

O CNSPV (2012) prevê, ainda, que as ações do Médico Veterinário nas áreas atendidas pelo NASF incluem:

1. Avaliação de fatores de risco à saúde, relativos à interação entre os humanos, animais e o meio ambiente.
2. Prevenção, controle e diagnóstico situacional de riscos de doenças transmissíveis por animais vertebrados e/ou invertebrados.
3. Desenvolvimento de ações educativas e de mobilização contínua da comunidade, relativas ao controle das doenças na área de abrangência;
4. Prevenção e controle de doenças transmissíveis por alimentos.
5. Dar respostas às emergências de saúde pública e eventos de potencial risco sanitário nacional de forma articulada com os setores responsáveis.
6. Identificar emergências epidemiológicas de potencial zoonótico, de modo contínuo e sistemático.
7. Orientações de caráter preventivo e auxílio em casos de acidentes com animais peçonhentos.

Dentre as diversas funções do Médico Veterinário, destaca-se, ainda, a importância desses profissionais no contexto da guarda responsável, assumindo várias responsabilidades, atuando na conscientização da população da necessidade de promover o bem-estar dos animais, desenvolvendo ações como:

1. Orientar sobre os padrões comportamentais da espécie e da raça escolhida, para discernimento de comportamentos naturais e patológicos (LANDSBERG *et al.*, 2005, citado por SILVANO *et al.*, 2010).

2. Informar acerca de cuidados básicos de saúde animal através de vacinação, vermifugação, manejo e higiene, evitando a ocorrência de zoonoses (CFMV, 2015).

3. Difundir e praticar a castração como forma de controle populacional quando a reprodução não for desejada (THORNTON, 1993, citado por SILVANO *et al.*, 2010).

4. Indicar a prática da eutanásia afim de evitar o sofrimento animal em pacientes terminais ou quando a saúde pública é ameaçada (CFMV, 2002).

5. Implementar e incentivar formas de identificação animal, com o objetivo de incentivar a guarda responsável e prevenir o abandono, como microchips ou placas de identificação (MATIELI & CURTO, 2009);

6. Atuar como agente da saúde pública, informando sobre o risco de transmissão de zoonoses e medidas preventivas (LOSS *et al.*, 2012).

A Medicina Veterinária necessita de profissionais que atuem de forma ética e responsável perante os animais e a população. Por isso, a formação de qualidade é de extrema importância e as universidades devem proporcionar disciplinas que abordem a saúde pública e a guarda responsável (PERINI & RAMOS, 2003).

O desafio para os Médicos Veterinários está em uma formação em que se destaque a saúde pública para que o profissional tenha um nível de competência consistente com as demandas da sociedade. E a população ainda carece de plena conscientização dos diferentes papéis que os veterinários podem assumir e contribuir dentro da saúde pública (SOUZA *et al.*, 2010, citado por COSTA, 2011).

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Determinar o nível de conhecimento de tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre guarda responsável e zoonoses através da aplicação de um questionário. O conhecimento foi considerado satisfatório quando pelo menos 60% dos entrevistados estavam dentro dos critérios recomendados ou corretos.

3.2 Objetivos específicos

- Verificar associação entre a aplicação de medidas de guarda responsável e o nível socioeconômico, faixa etária e grau de escolaridade dos tutores.
- Identificar as consequências da guarda irresponsável na saúde pública e no bem-estar animal.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização dessa pesquisa, foi utilizado um questionário online através da plataforma *Google Forms*, devido a praticidade na disseminação das questões e rápida coleta de dados. O questionário, disponível no Apêndice A deste trabalho, foi elaborado com 33 questões, sendo três questões de múltipla escolha para informações sobre os tutores para determinar a faixa etária, grau de escolaridade e renda familiar, e 30 questões sobre a percepção dos tutores em relação a guarda responsável, cuidados com o animal e nível de conhecimento sobre zoonoses. Para elaborar as perguntas, utilizou-se como modelo trabalhos dos autores Rebello (2016), Moraes (2013) e Sales (2003).

Para participar da pesquisa, foram selecionados tutores de cães e gatos do Distrito Federal. O questionário foi previamente testado, através de simulação de entrevista, com o objetivo de validar a compreensão dos conteúdos e tempo de resposta. O link foi divulgado através de redes sociais e ficou disponível durante o período de 08 de agosto de 2019 a 08 de setembro de 2019, resultando numa amostra de 522 indivíduos.

Os dados extraídos foram analisados através da estatística descritiva, mediante determinação das frequências absolutas e relativas através do software Microsoft Office Excel. A associação entre as variáveis foi calculada através do Teste do Qui-Quadrado com probabilidade de erro igual a 5%, utilizando o software *Statistical Analysis System (SAS)* versão 9.2. As correlações foram consideradas significativas quando $p < 0,05$.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse estudo, observou-se que 45,98% (240/522) dos entrevistados possuíam entre 26 e 40 anos; 40,04% (209/522) entre 16 e 25 anos; 12,45% (65/522) entre 41 e 55 anos e 1,52% (8/522) acima de 56 anos. Em relação ao grau de escolaridade, 56,70% (296/522) dos tutores declararam Ensino Superior; 23,75% (124/522) Pós Graduação; 19,16% (100/522) Ensino Médio; 0,19% (1/522) Ensino Fundamental e 0,19% (1/522) alegaram não possuir grau de escolaridade.

No que diz respeito à renda familiar, a maior parte dos entrevistados (37,16%) (194/522) informou receber entre 4 e 10 salários mínimos por mês (classe C); 23,18% (121/522) de 2 a 4 salários mínimos (classe D); 18,20% (95/522) de 10 a 20 salários mínimos (classe B); 15,33% (80/522) até 2 salários mínimos (classe E) e 6,13% (32/522) acima de 20 salários mínimos (classe A), conforme apresentado na TABELA 1.

TABELA 1 - Frequência absoluta (N) e relativa (%) do perfil dos tutores avaliados pelo questionário

Informações sobre o tutor	Opções de resposta	Quantidade	%
Faixa etária	Até 15 anos	0	0,00%
	16 a 25 anos	209	40,04%
	26 a 40 anos	240	45,98%
	41 a 55 anos	65	12,45%
	Acima de 56 anos	8	1,53%
Nível de escolaridade	Sem grau de escolaridade	1	0,19%
	Ensino Fundamental	1	0,19%
	Ensino médio	100	19,16%
	Ensino superior	296	56,70%
	Pós graduação	124	23,75%
Renda familiar	Até 2 salários mínimos (Até R\$ 1.874,00)	80	15,33%
	De 2 a 4 salários mínimos (R\$ 1.874,01 a R\$ 3.748,00)	121	23,18%
	De 4 a 10 salários mínimos (R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00)	194	37,16%
	De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 9.370,01 a R\$ 18.740,00)	95	18,20%
	Acima de 20 salários mínimos (R\$ 18.749,01 ou mais)	32	6,13%

O perfil predominante dos entrevistados foram adultos entre 26 a 40 anos, com ensino superior e considerados como classe C quanto ao aspecto socioeconômico. Esse fato pode estar relacionado com a restrição dos participantes, tendo em vista que o questionário foi divulgado através das redes

sociais e somente pessoas com acesso à internet responderam. Segundo dados do IBGE (2018), o percentual de domicílios no Brasil com acesso à internet entre o ano de 2016 a 2017 foi de 74,9%. Portanto, a amostra obtida pode não retratar a realidade de uma parcela significativa dos tutores que residem no Distrito Federal.

Entre os tutores entrevistados, constatou-se que 59,77% (312/522) possuem somente cachorro, 17,82% (93/522) possuem somente gato e 22,41% (117/522) disseram possuir ambos. (FIGURA 02). A preferência pela criação de cães pode ser explicada pela confiança que os cães despertam em seus tutores, pelo comportamento afetuoso e o instinto de proteção. Para quem desconhece a complexidade do comportamento felino, muitas vezes os gatos são considerados animais autossuficientes, temperamentais e poucos afetuosos. No entanto, é necessário ressaltar que os gatos possuem um comportamento característico, que não deve ser comparado ao comportamento dos cães (SILVANO *et al.*, 2010).

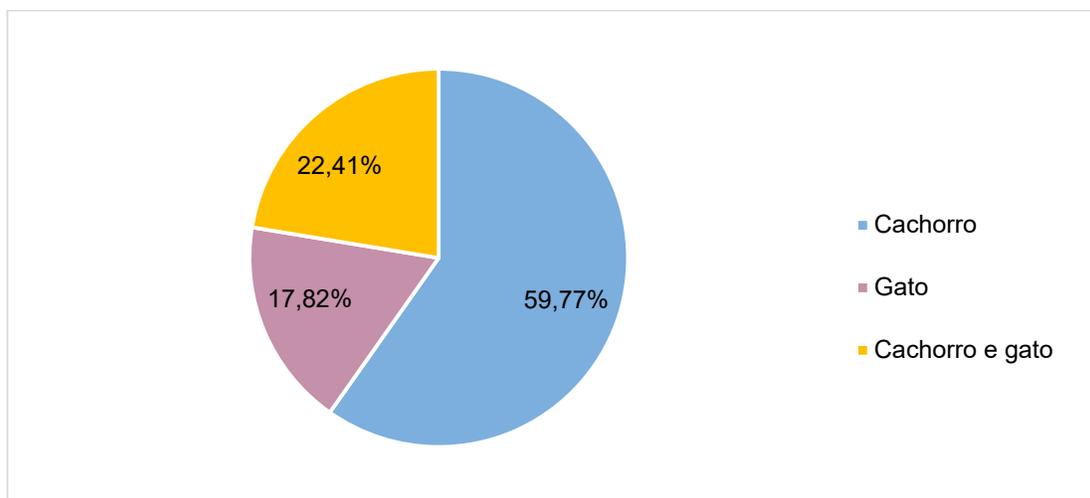


FIGURA 2 - Espécie de animal que os tutores alegaram possuir

No que diz respeito a quantidade de animais, 63,22% (330/522) responderam que possuem 1 ou 2 animais, 25,67% (143/522) possuem entre 3 e 5 animais, 5,75% (30/522) possuem entre 6 e 8 animais e 5,36% (28/522) responderam que possuem mais de 9 animais na residência. Nesse estudo, a porcentagem de pessoas que possuem um número elevado de animais foi baixa, embora seja importante salientar que um número excessivo muitas vezes é atribuído aos indivíduos acumuladores de animais, que geralmente residem em locais com deficiência de espaço, saneamento, alimento disponível, cuidados

veterinários e que não atendem as necessidades básicas dos animais (OLIVEIRA, J. S. *et al.*, 2017), sendo, portanto, um risco a saúde e bem-estar dos animais.

Quando associamos a renda familiar com a quantidade de cães e gatos, observamos que não há relação significativa ($p > 0,05$) entre elas, pois, independente da renda, a quantidade de cães ou gatos foi aproximada.

Para saber o tipo de vínculo e a importância que o animal tem para os tutores, foi questionado a principal razão para adquiri-lo. Foi verificado que o amor aos animais foi a principal razão (76,05%; 397/522), seguida de companhia (14,56%, 76/522), pedido de outro membro da família (5,56%; 29/522), segurança/proteção da residência (1,53%; 8/522) e outros motivos (2,30%; 12/522), conforme observado na FIGURA 03.

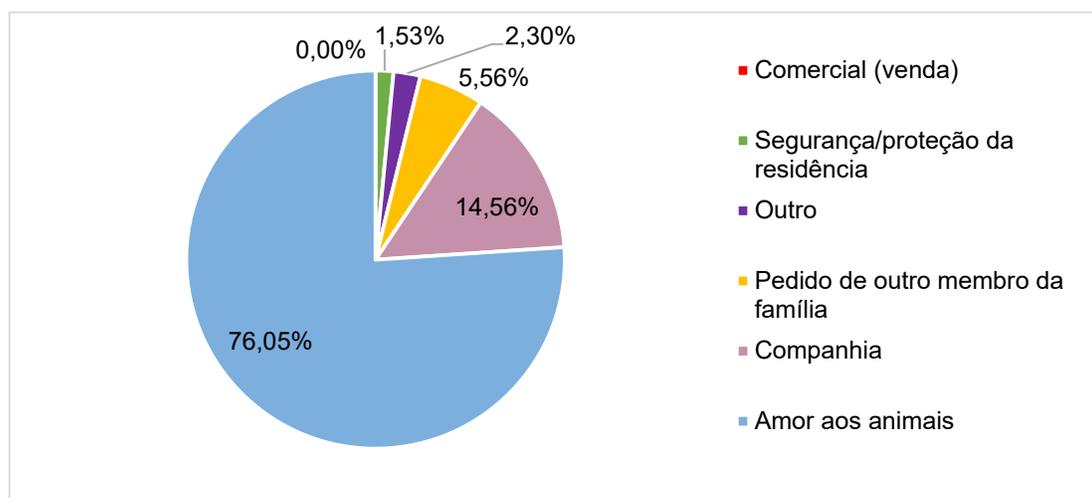


FIGURA 3 – Principal motivo para adquirir o animal, de acordo com os tutores

É esperado que tutores que possuem um vínculo próximo com os seus animais se preocupem mais com os cuidados necessários. Entender o motivo pelo qual as pessoas adquirem um animal é um dado relevante, visto que a aquisição de um animal de forma impulsiva, motivada por diversos fatores e sem a consciência das suas necessidades, pode resultar em abandono quando ele manifesta comportamentos indesejáveis ou fica doente (SOUSA, M. R. Q. & SILVA, 2012). A compra ou adoção de um animal sem a concordância de todos os residentes da casa também pode resultar em maus tratos, negligência e abandono.

Quando questionados sobre a frequência de vacinação dos animais, a maioria (76,05%; 397/522) afirmou que vacina anualmente, 9,96% (52/522) alegaram ter vacinado o animal somente quando filhote, 5,17% (27/522) vacinam a

cada 2 anos, 2,3% (12/522) vacinam a cada 3 anos, 1,92% (10/522) relataram nunca ter vacinado e 4,6% (24/522) não souberam informar (FIGURA 04). Estes resultados denotam uma cobertura vacinal satisfatória, embora uma parcela da população desconheça a importância do protocolo vacinal e da revacinação, visto que 9,96% só vacinaram os animais quando filhotes e 1,92% nunca vacinaram. Não houve correlação estatística ($p>0,05$) entre a frequência de vacinação e a renda familiar, nível de escolaridade ou faixa etária dos entrevistados.

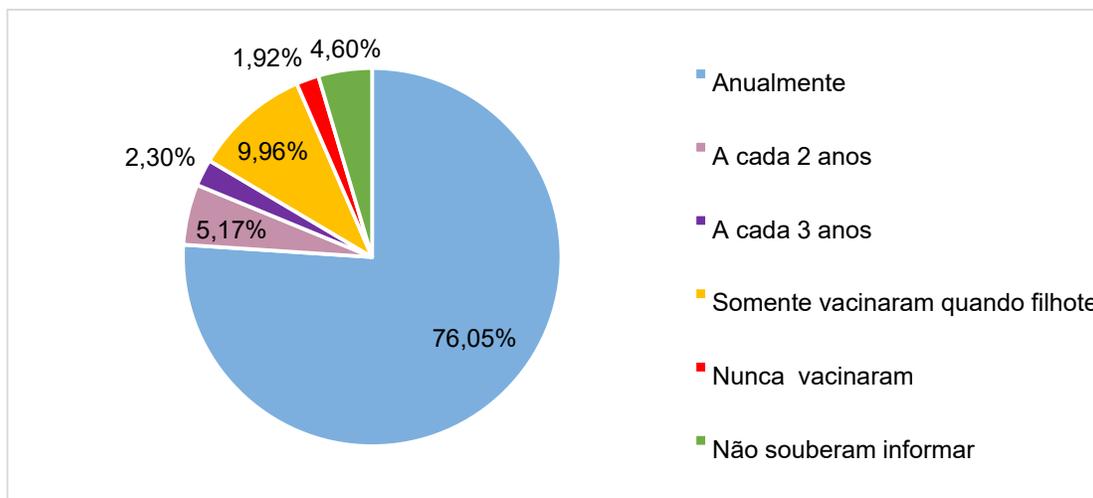


FIGURA 4 - Frequência de vacinação relatada pelos tutores

Quanto ao local onde realizam a vacinação, a maior parte dos tutores (67,43%; 352/522) afirmou vacinar em clínica veterinária, 11,30% (59/522) disseram só vacinar em campanhas, 9,2% (48/522) optam pelo atendimento domiciliar, 6,51% (34/522) vacinam em casas agropecuárias, 3,64% (19/522) em outros locais e 1,92% (10/522) alegaram não vacinar (FIGURA 05).

Não foi observada correlação estatística ($p>0,05$) entre o local onde os tutores realizam a vacinação dos animais e a renda do aglomerado familiar, grau de escolaridade ou faixa etária.

Embora o percentual de pessoas que vacinam em casas agropecuárias não seja alto, esse fato é preocupante visto que muitas vezes essas vacinas não são armazenadas de forma adequada e são aplicadas por profissionais não qualificados que não possuem conhecimento necessário dos protocolos vacinais (LANGONI *et al.*, 2011). Por isso, as vacinas realizadas nesses locais podem não ser eficazes e prejudicar a imunização dos animais. Além disso, 11,30% das pessoas afirmaram vacinar somente em campanhas, esse fato demonstra haver

uma falta de esclarecimento dos tutores sobre o protocolo de vacinação, visto que as campanhas só abrangem a vacina antirrábica e os animais ficam suscetíveis a contrair outras doenças que podem ser evitadas com a vacinação, inclusive algumas zoonoses.

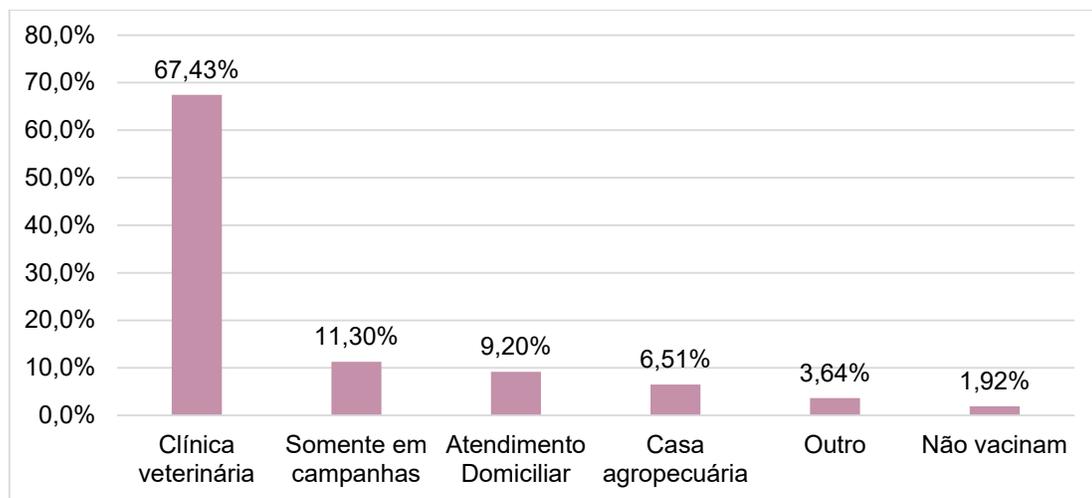


FIGURA 5 - Principal local onde os tutores costumam realizar a vacinação dos seus animais

Em relação à vacina antirrábica, 80,27% (419/522) dos tutores afirmaram ter feito a vacinação no último ano, 16,28% (85/522) negaram ter feito a vacina e 3,45% (18/522) não souberam informar. Esse resultado é considerado satisfatório, visto que o Ministério da Saúde (2014) preconiza uma cobertura vacinal de no mínimo 80%.

Referente ao controle de ectoparasitas, 83,72% (437/522) dos tutores informaram que utilizam algum método de controle, entre coleiras repelentes, produtos tópicos ou medicações orais, enquanto 16,28% (85/522) negaram utilizar algum método. No entanto, não foi questionada a frequência de utilização desses métodos, tendo em vista que é variável dependendo do produto utilizado. Portanto, não se sabe se os métodos empregados são utilizados na frequência recomendada de forma que sejam eficazes.

A frequência de vermifugação foi relatada majoritariamente pelos tutores como sendo a cada 6 meses (42,34%; 221/522); 27,78% (145/522) afirmaram vermifugar os animais esporadicamente, sem um período específico; 23,56% (123/522) vermifugam a cada 3 ou 4 meses; 1,72% (9/522) alegaram nunca ter vermifugado e 4,60% (24/522) não tinham informações a respeito (FIGURA 06).

Langoni *et al.* (2011) justifica o fato dos tutores vermifugarem com frequência os seus animais devido a facilidade de acesso aos anti-helmínticos, o baixo custo e a comercialização em casas agropecuárias e *pet shops*, que normalmente estão localizados próximos as residências. Medidas profiláticas utilizando anti-helmínticos são indispensáveis para evitar o contágio e transmissão de verminoses, no entanto é válido enfatizar a importância do Médico Veterinário para a orientação quanto ao uso desses medicamentos, para que seja feito em dose e período adequados para evitar intoxicações ou controle insuficiente da carga parasitária.

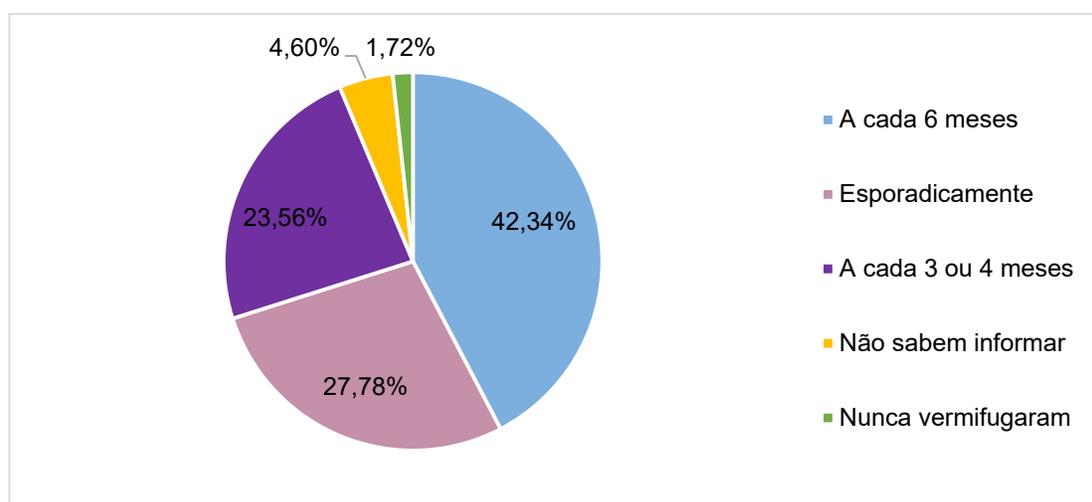


FIGURA 6 - Frequência de vermifugação relatada pelos tutores

Foi possível detectar que 68,77% (359/522) dos tutores castraram pelo menos um dos seus animais, sendo que o principal motivo foi considerado por saúde (64,07%; 230/522), seguido de evitar a procriação (21,17%; 76/522), 10,58% (38/522) para evitar comportamentos indesejados e 4,18% (15/522) para que a fêmea não entre no cio (FIGURA 07). Esse resultado difere dos dados encontrados por Pellenz *et al.* (2016), Rodrigues *et al.* (2017) e Cardoso *et al.* (2016), que relataram maior porcentagem de animais não castrados. É possível inferir que, nesse estudo, a maioria dos tutores possuem conhecimento sobre a importância da castração e os seus benefícios na saúde dos animais e como método de controle populacional.

Houve correlação estatística ($p < 0,05$) entre a prática da castração dos animais e a renda do agregado familiar, sendo que tutores com maior renda

classificados como classe A, B e C tendem a castrar mais os seus animais em relação aos tutores classificados como classe D e E.

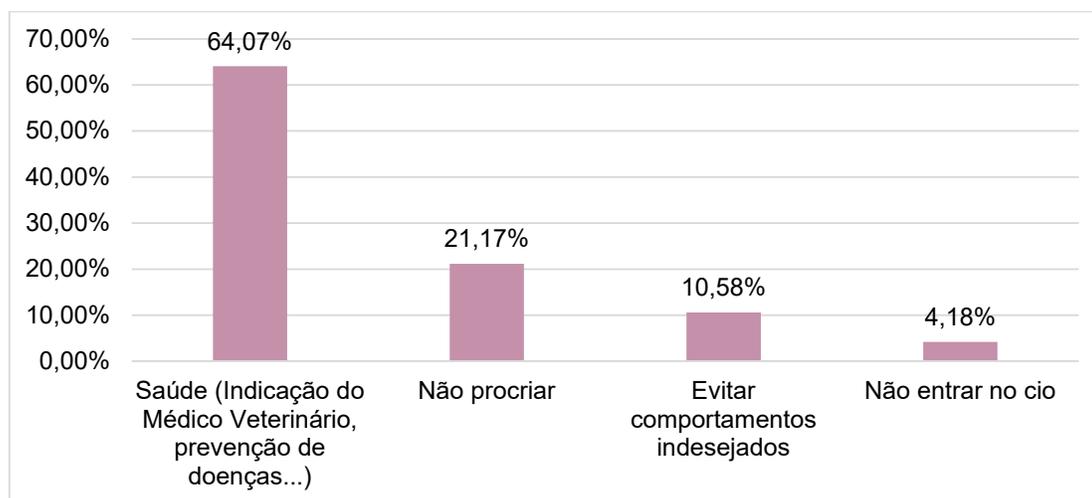


FIGURA 7 - Principal motivo que leva os tutores a castrar os seus animais

Nesse estudo, pôde-se observar que, apesar da maioria dos tutores (60,63%; 315/522) só permitirem acesso à rua com supervisão, notou-se que 9,68% (9/93) dos tutores de gatos, 1,28% (4/312) dos tutores de cães e 10,26% (12/117) dos tutores que possuem ambas as espécies, permitem livre acesso dos animais à rua. Quando questionados se os animais possuíam alguma identificação contendo nome e número do tutor, 76,25% (398/522) negaram. Os resultados contendo os grupos de tutores e a forma de criação estão expostos na FIGURA 08.

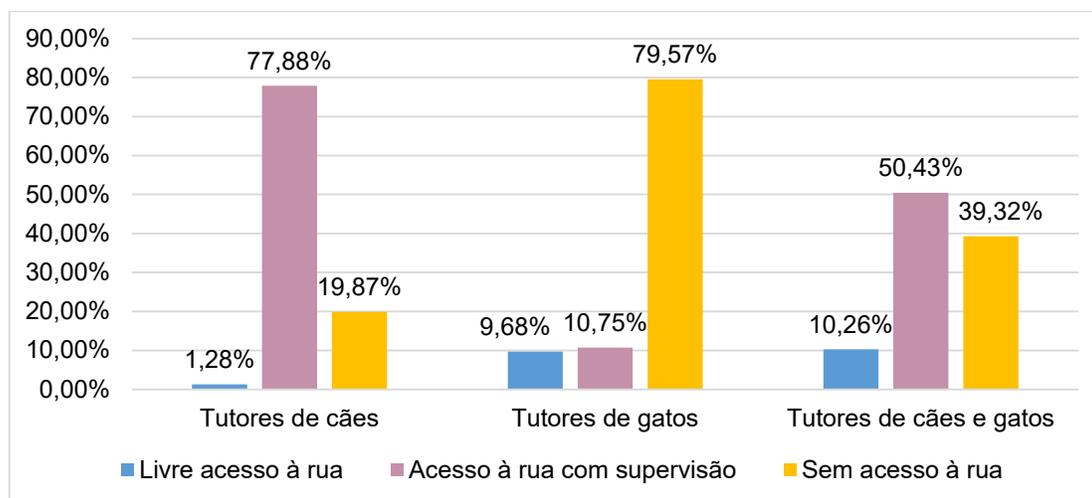


FIGURA 8 - Relação entre os grupos de tutores de acordo com a(as) espécie(s) que possuem e a forma de criação baseada no acesso ou não à rua

Esse dado reflete a falta de consciência de uma parcela da população sobre os riscos à saúde dos animais e a saúde pública, visto que os animais podem

se perder e aumentar a população de animais errantes, procriar, contrair doenças, espalhar sujidades e zoonoses, causar e sofrer acidentes. Além disso, 19,87% (62/312) dos tutores que possuem somente cães, não saem para passear com os animais. Os passeios são de extrema importância para diminuir o estresse dos cães e promover bem-estar, desde que realizados com supervisão dos tutores, com o auxílio de guia e, se necessário, focinheira para evitar possíveis agressões a terceiros.

Diante do questionamento sobre escovação dos dentes dos animais, 54,98% (287/522) dos tutores declararam que não escovam. Entre os que responderam afirmativamente que praticam a escovação com alguma frequência, a maioria (41,28%; 97/235) revelou que escova raramente, 32,34% (76/235) dos entrevistados disseram que o animal só escova quando vai ao pet shop, 24,26% (57/235) afirmaram escovar alguns dias por semana e somente 2,13% (5/235) disseram escovar todos os dias (FIGURA 09). Dados semelhantes foram observados por CABRAL & MAZZUCATTO (2017), que relataram que apenas 8% dos tutores escovam os dentes diariamente, enquanto outros 20% escovam esporadicamente e 72% nunca escovaram.

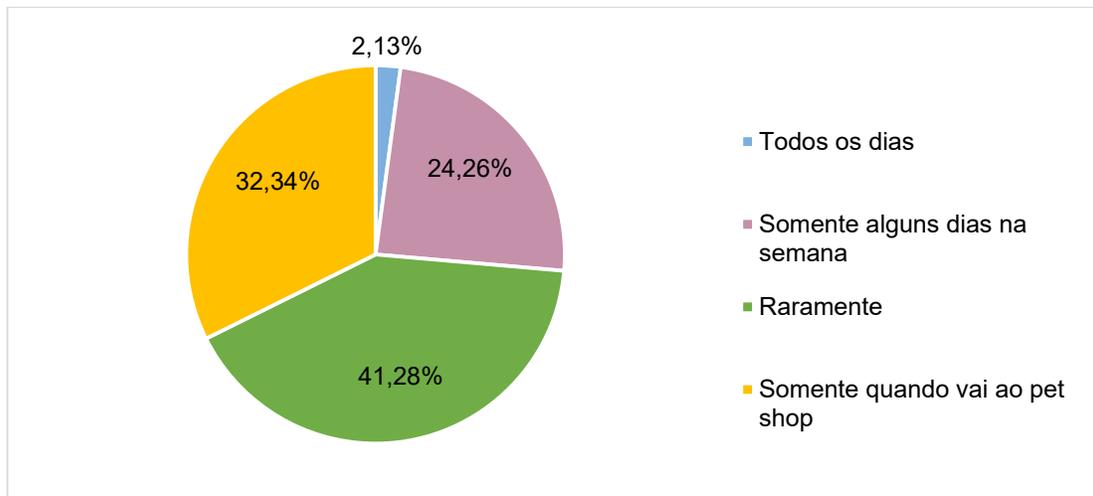


FIGURA 9 - Frequência de escovação relatada pelos tutores que praticam a higienização oral dos seus animais

Houve correlação ($p < 0,05$) entre a prática de profilaxia oral dos animais e a idade dos entrevistados, sendo que os tutores que possuem entre 26 a 40 anos tendem a escovar os dentes dos seus animais e os tutores mais velhos, acima de 56 anos, tendem a não escovar.

Esse resultado demonstra a precariedade das orientações odontológicas provenientes dos médicos veterinários, visto que a maioria dos tutores não praticam a escovação e, dentre os que praticam, não o fazem numa frequência adequada e eficiente. A placa bacteriana se estabelece na superfície do dente entre 24 e 48 horas após a profilaxia, portanto a frequência recomendada deve ser inferior a esse período. O cálculo dental é formado pela calcificação da placa bacteriana, que pode desencadear a doença periodontal, muito comum em cães e gatos, e distúrbios sistêmicos secundários (SANTOS N. S. *et al.*, 2012).

Os principais fatores que os tutores levam em consideração no momento de escolher uma ração estão expostos na FIGURA 10. Sobre o local que compram a ração, 51,72% (270/522) compram em *Pet Shop*, 37,74% (197/522) compram em casa agropecuária, 6,13% (32/522) compram em supermercado, 3,83% (20/522) compram em outros locais e 0,57% (3/522) afirmaram não fornecer ração comercial ao animal (FIGURA 11).

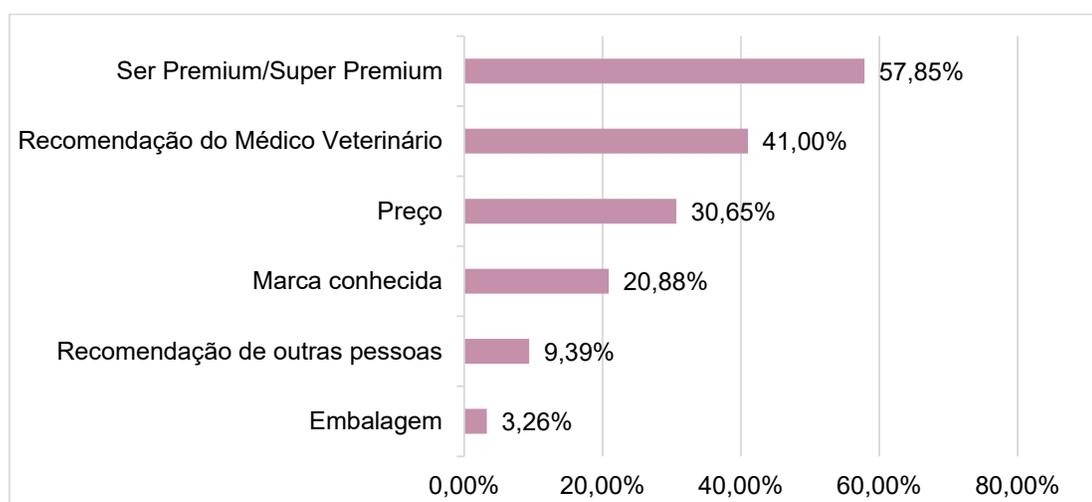


FIGURA 10 - Principais fatores que as pessoas levam em consideração no momento de escolher uma ração para o seu animal.

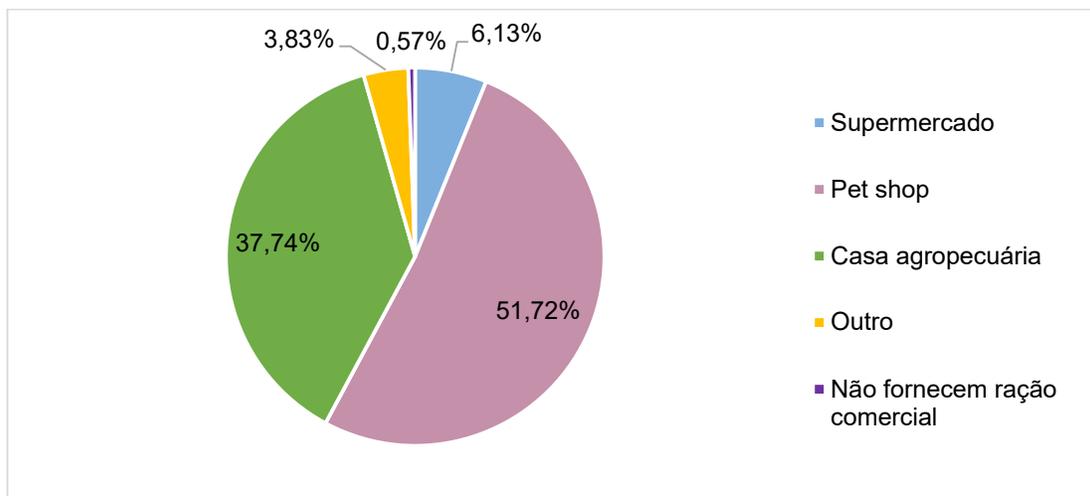


FIGURA 11 - Principal local onde os tutores costumam adquirir a ração dos seus animais

Informações sobre o local onde são adquiridas as rações e os fatores que as pessoas levam em consideração na hora de escolher uma ração são de suma importância para saber a qualidade da ração fornecida ao animal. Em casas agropecuárias é comum a comercialização de rações vendidas à granel ou em recipientes abertos, que favorecem a contaminação por fungos que, com a ajuda da temperatura e umidade quando favoráveis, se multiplicam e produzem micotoxinas, sendo estas prejudiciais à saúde do animal, causando falta de apetite, diarreia, vômitos e hemorragias, hepatotoxicidade e nefrotoxicidade, além de efeitos carcinogênicos (MALLMAN *et al.*, 2002, citado por CAPPELLI *et al.*, 2016). Mendes *et al.* (2014) observaram perda de nutrientes das rações quando estas passaram por simulação de venda a granel por um período de 60 dias devido ao contato com o ar e com a luz.

A maioria dos tutores desse estudo afirmou que o fato da ração ser Premium ou Super Premium e a recomendação do Médico Veterinário são os principais fatores levados em consideração no momento de comprar uma ração. Em contrapartida, há uma parcela significativa de pessoas (37,34%; 197/522) que compram em casas agropecuárias. Esse fato demanda atenção, tendo em vista que, dependendo do tipo de ração adquirida, pode apresentar um risco à saúde do animal.

Houve diferença estatística ($p < 0,05$) entre a renda do agregado familiar e o local onde os tutores adquirem a ração, sendo que tutores de baixa renda, classificados como classe E, tendem a comprar mais casas agropecuárias e tutores

de alta renda, classificados como classe A e B, tendem a comprar mais em *Pet Shop*.

Foi constatado que 39,85% (124/522) dos entrevistados já administraram algum medicamento sem a prescrição de um Médico Veterinário. Esse resultado é similar ao levantamento realizado por Loss, *et al.*, (2012), que constatou uma frequência de 43%. Esse é um fato preocupante, visto que essa atitude pode causar danos ao animal, agravar a patologia inicial, causar interações medicamentosas e intoxicações. Além disso, pode mascarar o correto diagnóstico e favorecer o desenvolvimento de resistência bacteriana aos antibióticos (MELLO *et al.*, 2008).

Quando os tutores foram questionados sobre o que fazem quando o pet aparenta estar doente, 54,21% (283/522) responderam que levam imediatamente ao veterinário; 47,32% (247/522) tratam em casa e, se não melhorar, levam para o veterinário; 23,18% (121/522) pesquisam orientação na internet; 8,62% (45/522) somente tratam em casa utilizando experiência familiar ou recomendação de outras pessoas; 0,19% (1/522) não fazem nada e 3,26% (17/522) informaram outras ações, conforme exposto na FIGURA 12.

É importante notar que há uma elevada porcentagem de tutores que procuram outros meios de informação e tratamentos, que pode ser um fator de risco tanto para a saúde do animal quanto do tutor, pois o acompanhamento com um Médico Veterinário é fundamental para o diagnóstico e tratamento correto de doenças e para orientar quanto aos cuidados necessários nos caso de doenças zoonóticas.

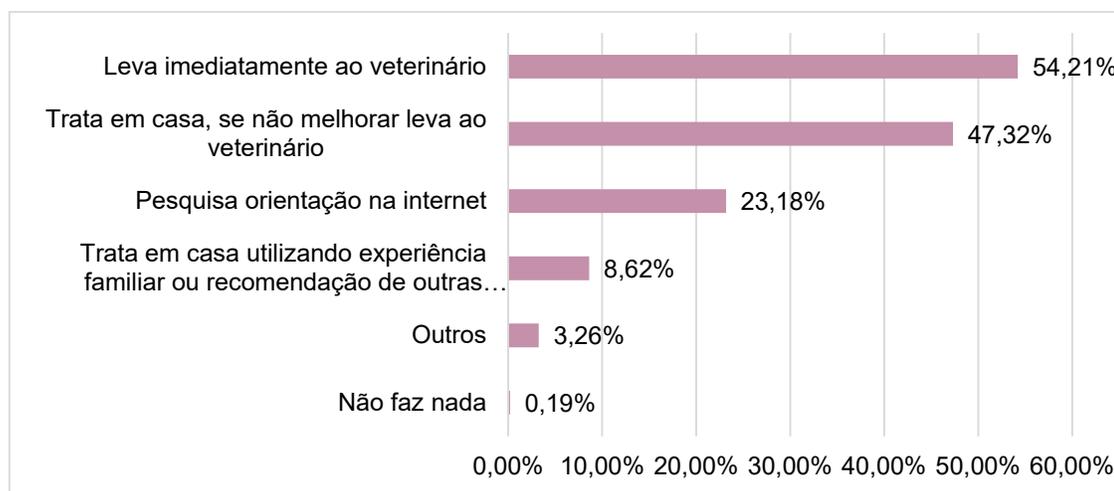


FIGURA 12 - Reação dos tutores quando o animal aparenta estar doente

Quando indagados sobre o conhecimento de doenças transmitidas por animais, 37,55% (196/522) dos tutores afirmaram não ter conhecimento sobre nenhuma doença transmitida. Para os que responderam positivamente, foi solicitado que citassem pelo menos uma doença transmitida pelos animais aos seres humanos, a relação entre as doenças e a frequência relativa e absoluta está explicitada na TABELA 2.

TABELA 2 - Respostas dadas pelos tutores sobre doenças transmitidas dos animais aos seres humanos e a frequência absoluta e relativa de cada uma.

Doença	Quantidade	%
Raiva	209	64,11%
Leishmaniose	159	48,77%
Toxoplasmose	107	32,82%
Sarna	29	8,90%
Leptospirose	22	6,75%
Giardíase	20	6,13%
Verminoses	18	5,52%
Doença do carrapato	16	4,91%
Micoses	12	3,68%
Esporotricose	10	3,07%
Bicho geográfico	5	1,53%
Dermatites	5	1,53%
Dermatofitose	5	1,53%
Ectoparasitas	5	1,53%
Alergias	3	0,92%
Hantavirose	2	0,61%
Parvovirose	2	0,61%
Amebíase	1	0,31%
Criptococose	1	0,31%
Febre maculosa	1	0,31%
Febre tifoide	1	0,31%
Doença de Lyme	1	0,31%
Mormo	1	0,31%
Pasteurella multocida	1	0,31%
Peste	1	0,31%
Rinite	1	0,31%
Salmonelose	1	0,31%

A Raiva, a Leishmaniose e a Toxoplasmose foram as doenças mais citadas, corroborando com os resultados obtidos por Oliveira R. R. *et al.* (2018). No entanto, essa informação pode ter sido enviesada, haja vista que essas foram as doenças abordadas nas questões seguintes do questionário.

Nota-se que, embora a maioria tenha demonstrado conhecimento sobre doenças transmissíveis pelos animais, uma parcela citou enfermidades que não são zoonoses, como por exemplo, a parvovirose, as alergias e rinites. Não foi

observada diferença estatística ($p>0,05$) entre o conhecimento sobre zoonoses e o nível de escolaridade dos entrevistados.

Quando questionados através de que meios obtiveram essa informação, a maioria 37,74% (197/522) respondeu que foi através de Médicos, 36,78% (192/522) respondeu ser através da internet e redes sociais, 35,63% (186/522) através de Médicos Veterinários, 22,41% (117/522) por meio da escola ou faculdade, 17,62% (92/522) através da família ou amigos, 12,45% (65/522) pela televisão, 11,88% (62/522) por outros meios e 3,64% (19/522) através do trabalho (FIGURA 13).

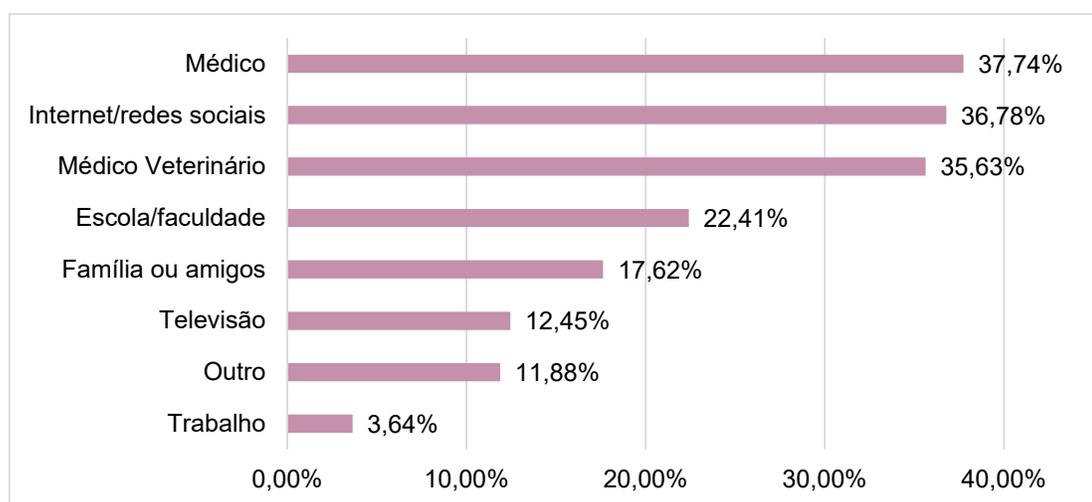


FIGURA 13 - Meios de informação relatados pelos tutores de onde obtiveram conhecimento sobre doenças zoonóticas

Em relação ao conhecimento sobre zoonoses, 94,83% (495/522) afirmaram já ter ouvido falar ou ter algum conhecimento sobre a Leishmaniose. No que diz respeito aos métodos preventivos contra a doença, 33,33% (174/522) dos tutores negaram realizar algum método preventivo, 31,99% (167/495) afirmaram realizar somente a vacinação, 19,35% (101/522) disseram utilizar somente produtos repelentes (coleiras ou produtos tópicos) e 15,33% (80/522) utilizam tanto produtos repelentes quanto a vacinação (FIGURA 14). Não há correlação estatística ($p>0,05$), nesse estudo, entre a renda do agregado familiar dos participantes e a utilização de medidas preventivas contra a Leishmaniose.

Esse é um dado preocupante, visto que o Distrito Federal é uma área endêmica para Leishmaniose e há necessidade de associação entre medidas protetivas individuais, como coleiras repelentes, e a vacinação para complementar

a prevenção da doença (SILVA, S. R. 2015). A profilaxia somente com a vacinação não é uma medida totalmente eficiente, considerando que a eficácia da vacina foi estimada em 71,4% em estudos desenvolvidos em uma área endêmica do sudoeste do Brasil (SILVA, G. J. *et al.*, 2017).

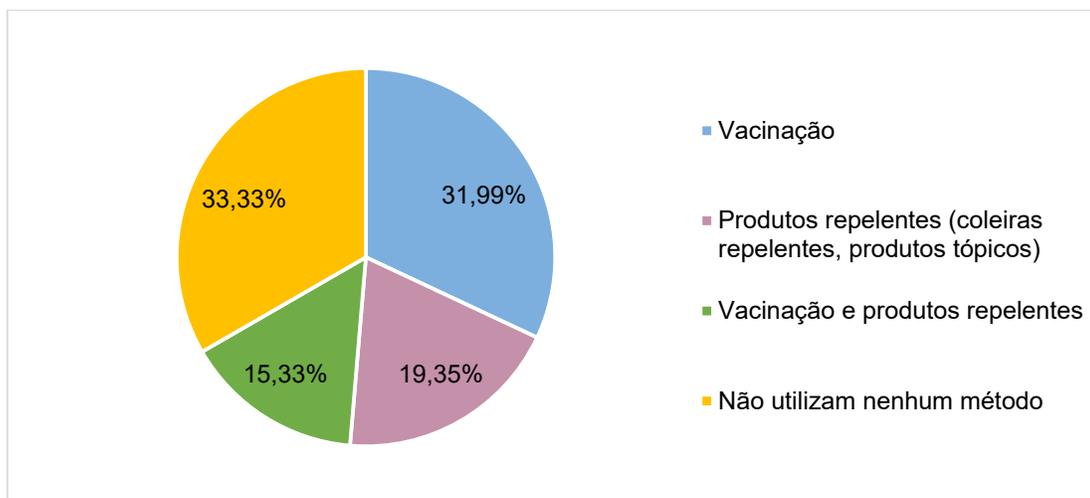


FIGURA 14 - Métodos preventivos para Leishmaniose relatados pelos tutores

É importante ressaltar que muitos tutores não têm conhecimento sobre o protocolo vacinal, portanto a porcentagem de 31,99% que afirmam fazer a vacinação pode ser mais baixa, levando em consideração que a vacina contra a Leishmaniose não é uma vacina obrigatória e muitos tutores acreditam que ela faz parte do protocolo de vacinas essenciais.

Sobre a forma de transmissão da Leishmaniose, 52% (261/495) dos entrevistados que informaram ter algum conhecimento sobre a doença afirmaram que ocorre através da picada de um mosquito infectado, 17,57% (87/495) acham que há transmissão através do contato com fezes/urina de animais infectados, 10,70% (53/495) citaram a transmissão através de um carrapato infectado, 5,65% (28/495) acreditam que a lambedura/mordedura é uma forma de transmissão, 0,40% (2/495) acreditam que pode ser transmitida pelo ar e 28,48% (141/495) não sabiam informar. Os resultados podem ser observados na FIGURA 15.

A leishmaniose é uma zoonose de grande importância para a saúde pública. A maioria dos tutores relatou ter algum conhecimento sobre a doença ou pelo menos ter ouvido falar, embora somente 50% deles responderam corretamente a principal forma de transmissão. Esse resultado é similar ao encontrado por OLIVEIRA, R. R. *et al.* (2018), que constatou que somente 45% dos

entrevistados sabiam a forma de transmissão, apesar de 90% relatar conhecimento sobre a doença. Esse fato reflete a falta de conhecimento dos tutores sobre a Leishmaniose, reforçando a importância de trabalhos educativos para que a população conheça o ciclo da doença, as formas de prevenção e o manejo adequado de animais infectados.

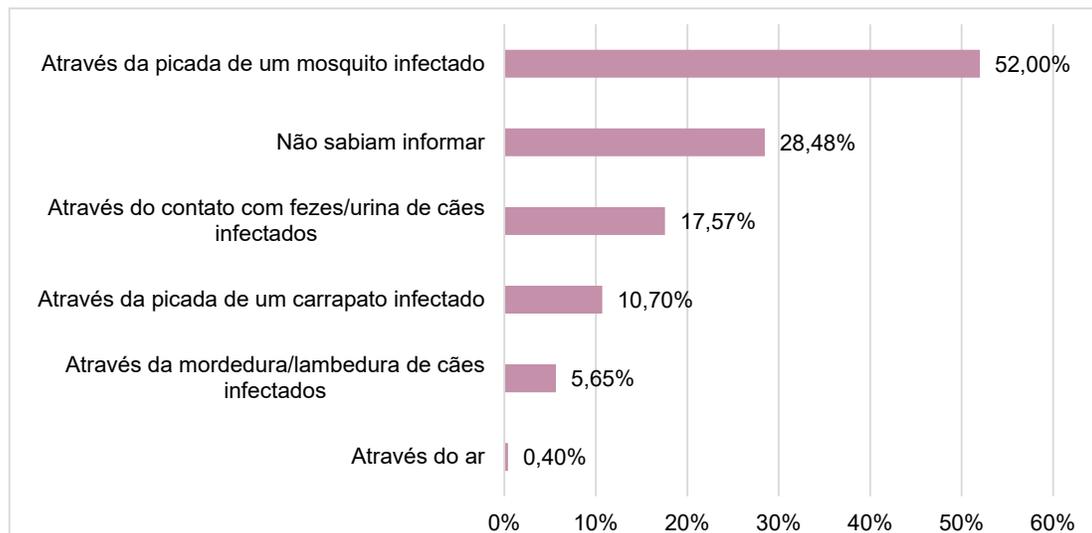


FIGURA 15 - Formas de transmissão da Leishmaniose Visceral aos seres humanos de acordo com os tutores

Quanto ao conhecimento sobre a Raiva, 96,36% (503/522) dos tutores informaram já ter ouvido falar ou ter algum conhecimento sobre. Dentre os que relataram conhecer a doença, a maioria (90,45%; 455/503) respondeu que a transmissão acontece através da mordedura ou lambedura de animais infectados, 3,97% (20/503) citaram que contato com fezes ou urina de animais infectados pode transmitir a doença, 2,78% (14/503) acreditam que há transmissão através de carrapatos infectados, 0,59% (3/503) citaram a transmissão pelo ar, 0,59% (3/503) mencionaram a transmissão através de um mosquito infectado e 7,95% (40/503) não sabiam dizer (FIGURA 16).

Acredita-se o fato de os tutores possuírem maior grau de conhecimento sobre a raiva pode ser atribuído a divulgação massiva sobre a doença nos meios de comunicação e durante as campanhas de vacinação de cães e gatos.

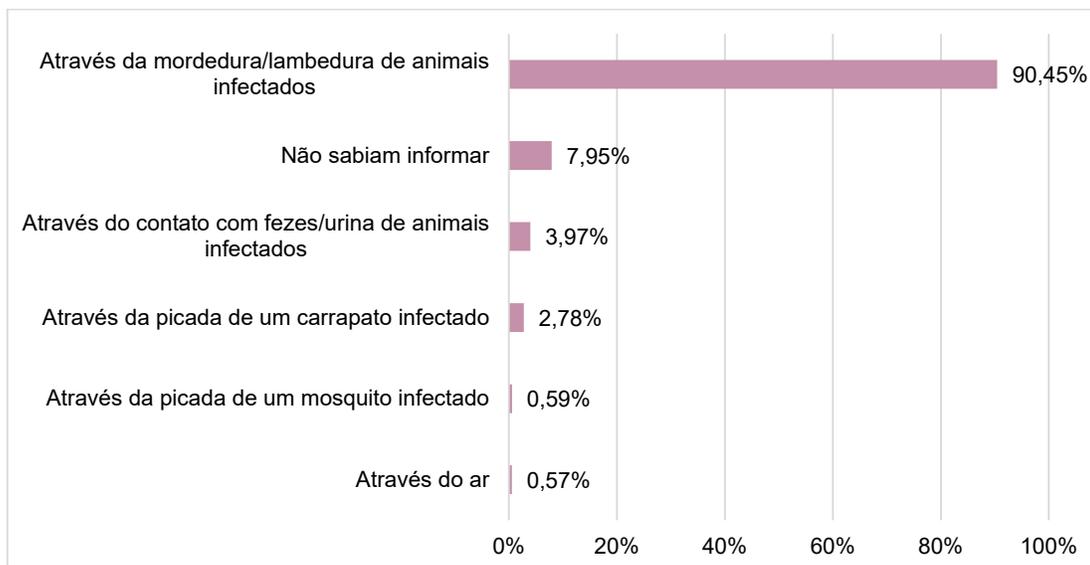


FIGURA 16 - Formas de transmissão da Raiva aos seres humanos de acordo com os tutores

Outra zoonose importante analisada foi a Toxoplasmose, sendo que 79,50% dos entrevistados declaram que já tinham ouvido falar ou tinham algum conhecimento sobre essa doença. Houve correlação estatística ($p < 0,05$) entre o conhecimento sobre a Toxoplasmose e o grau de escolaridade dos participantes, sendo que tutores que possuem pós graduação tendem a conhecer mais a doença.

Dentre os entrevistados que afirmaram conhecer a doença, questionou-se as formas de transmissão. A maioria 72,29% (300/415) citou a ingestão de água e alimentos contaminados com fezes de gatos infectados, seguida pela ingestão de carne crua ou mal cozida com 26,99% (112/415), 9,88% (41/415) citaram a mordedura ou arranhão de gatos, 4,58% (19/415) responderam que limpar o comedouro e bebedouro de gatos pode ser uma forma de contrair a doença e 16,87% (70/415) reconheceram que não sabiam (FIGURA 17).

A forma como as alternativas foram estruturadas pode ter induzido a maioria das pessoas a citar a transmissão através da ingestão de água e alimentos contaminados, tendo em vista que é mencionada a contaminação com as fezes dos gatos, e comumente a sociedade atribui a causa da doença somente ao contato com os gatos e não necessariamente com o consumo de alimentos contaminados.

É possível constatar que o grau de conhecimento sobre a Toxoplasmose é menor comparado com as outras zoonoses analisadas nesse estudo. Esse fato evidencia a necessidade de informar a população sobre o ciclo da doença, formas de transmissão e prevenção.

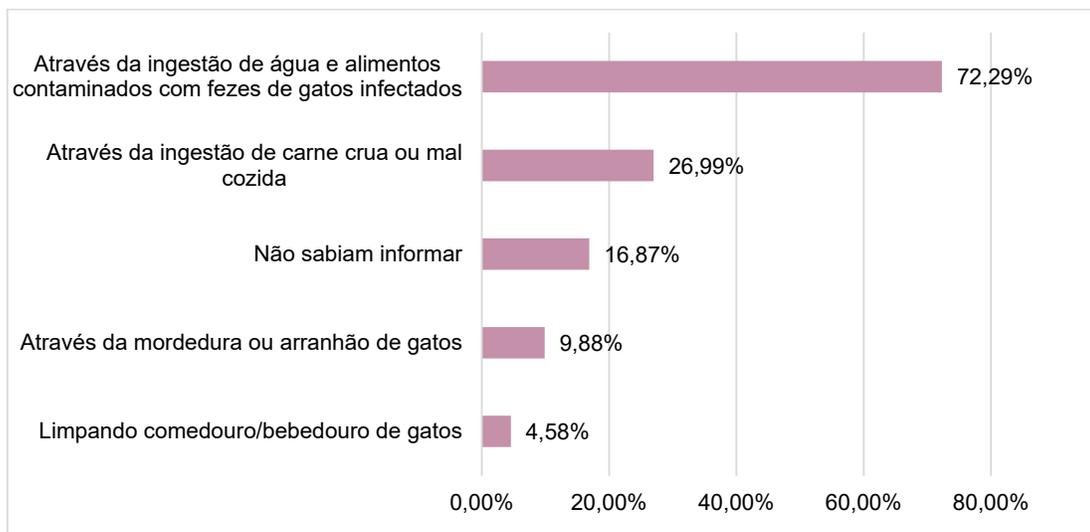


FIGURA 17 - Formas de transmissão da Toxoplasmose aos seres humanos de acordo com os tutores

Sobre as diversas funções do Médico Veterinário, 33,72% (176/522) dos entrevistados negaram saber da atuação destes na Saúde Pública, como por exemplo por meio do controle e prevenção de doenças transmitidas por animais, na inspeção de alimentos de origem animal e vigilância sanitária. Quando questionados se os Médicos Veterinários fazem um bom trabalho informando sobre a transmissão de zoonoses, 56,70% (296/522) afirmaram que de modo geral são suficientemente esclarecedores na comunicação dos cuidados e prevenção de zoonoses, 37,55% (196/522) admitiram que eventualmente ficavam com dúvidas e 5,75% (30/522) afirmaram sempre ficar com dúvidas (FIGURA 18).

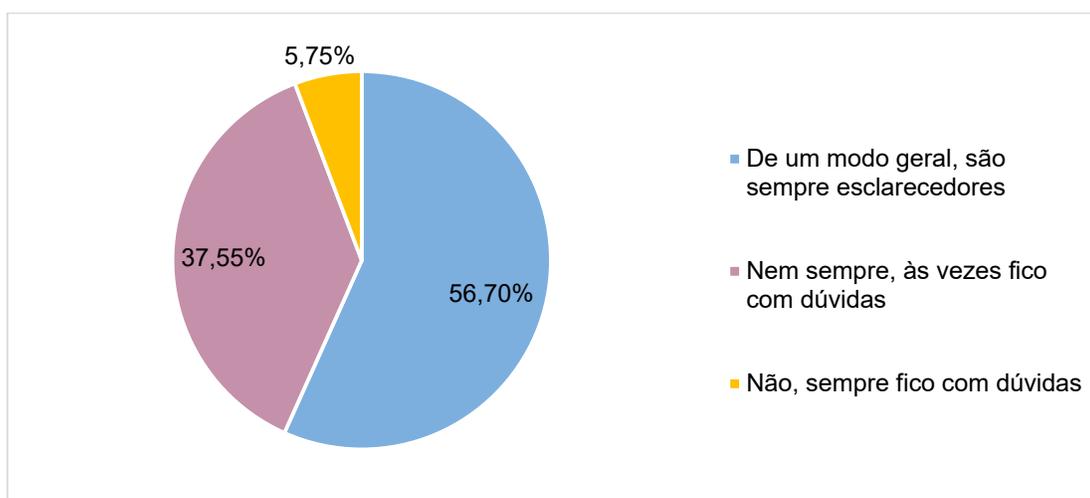


FIGURA 18 - Respostas obtidas pelos tutores quando questionados se os Médicos Veterinários são suficientemente esclarecedores quando explicam os cuidados necessários para prevenção de doenças transmitidas por animais

A comunicação com os tutores é essencial, pois é papel do Médico Veterinário informar sobre a transmissão de doenças zoonóticas, assim como medidas preventivas, agentes transmissores e cuidados básicos quanto ao manejo de animais infectados, sendo parte fundamental do processo educativo da população em geral e dos tutores de animais.

6. CONCLUSÃO

De acordo com os dados obtidos, foi possível identificar que os tutores de cães e gatos do Distrito Federal que foram entrevistados possuem, de um modo geral, boas práticas relativas à guarda responsável dos animais, visto que demonstraram conhecimento satisfatório sobre o calendário vacinal, a vermifugação, o controle de ectoparasitas, a importância da castração e de manter o animal em espaço domiciliar. Esse fato pode ser atribuído ao perfil predominante dos entrevistados e pela necessidade do acesso à internet, que pode ter enviesado os dados. Seria interessante divulgar o questionário através de outros meios para que a amostra seja mais diversificada.

Por outro lado, existem atitudes dos tutores que demandam atenção, uma vez que é notória a escassez de informação em relação a importância da higienização oral com frequência adequada e da utilização de identificação nos animais. Outros exemplos são as condutas dos tutores quando os animais ficam doentes, onde observou-se que uma parcela significativa dos entrevistados recorre a alternativas antes de procurar atendimento com um Médico Veterinário, incluindo uso de medicações sem a orientação de um profissional.

O conhecimento sobre zoonoses foi considerado limitado, pois apesar da maioria das pessoas afirmar conhecer as doenças e citar corretamente doenças zoonóticas, uma parcela significativa não sabe as formas de transmissão e a importância da prevenção, o que evidencia a necessidade de orientação e conscientização dos tutores.

Nesse estudo, não foi levado em consideração a distribuição geográfica dos entrevistados, o que pode ser um dado relevante, considerando que o Distrito Federal possui uma das maiores rendas per capita, porém concomitantemente é considerado uma das cidades com pior distribuição de renda. O estudo por regiões pode ser mais vantajoso para caracterizar melhor os tutores de cada local.

De modo geral, o Médico Veterinário tem cumprido o seu papel ao informar aos tutores sobre os princípios da guarda-responsável, no entanto, a propagação de informações acerca de zoonoses ainda é precária e boa parte da população desconhece a importância do Médico Veterinário na saúde pública.

Cabe ao profissional Médico Veterinário, o desenvolvimento das capacidades de comunicação e da responsabilidade social enquanto profissionais, para que as consultas veterinárias, principalmente as consultas pediátricas, sejam cada vez mais enriquecedoras e um meio importante de obtenção de informação para os tutores.

Torna-se pertinente o desenvolvimento de projetos que englobam ações relativas à educação contínua sobre a guarda responsável, pois constituem um instrumento importante para evitar a superpopulação de animais, o abandono e a disseminação de doenças, dessa forma proporcionando mais bem-estar e qualidade de vida aos animais e, ao mesmo tempo, preservando a saúde da coletividade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, K.; BLASCOVICH, J.; MENDES, W. B. *Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends and spouses: the truth about cats and dogs. Psychosomatic Medicine*, v. 64, p. 727-739, 2002.

ANDRADE, F.T.M.; ARAÚJO, C.L.; PAULO, O.L.O.H.; ROCHA, J.R.; DIAS, F.G.G.; PEREIRA, L.F.; JORGE, A.T.; HONSHO, C.S. Posse responsável: uma questão multidisciplinar. **Acta Veterinária Brasilica**, v.9, n.1, p.91-97, 2015.

ARAUJO, D. H. P. **Abordagem do tema bem-estar dos animais domesticados errantes em alguns cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**. 2015. Monografia (Graduação em biologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

AMERICAN VETERINARY MEDICAL ASSOCIATION - AVMA (2018). Human-Animal Bond. Disponível em: <https://www.avma.org/kb/resources/reference/human-animal-bond/pages/human-animal-bondavma.aspx> Acesso em: 15 set. 2019.

BABBONIA, S. D.; MODOLO, J. R. Raiva: origem, importância e aspectos históricos. **UNOPAR Científica**, v. 13, n. Esp, p. 349-356, 2011.

BATISTA, H. B. C. R.; FRANCO, A. C.; ROEHE, P. M. Raiva: uma breve revisão. **Revista Acta scientiae veterinariae**, Porto Alegre, vol. 35, n. 2, p. 125-144, 2007.

BONETTO, M. R. **Lei da posse responsável de animais domésticos**. 2015. Disponível em: <http://sustentabilidade.com/lei-posse-responsavel-animais-domesticos/>. Acesso em: 02 out. 2019.

BREGANÓ, R. M.; MORI, F. M. R. L.; NAVARRO, I. T. **Toxoplasmose adquirida na gestação e congênita: vigilância em saúde, diagnóstico, tratamento e condutas**. Londrina (2010). Paraná: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2010. 76 p.

BRASIL. Comissão Nacional de Saúde Pública Veterinária. Conselho Federal de Medicina Veterinária. NASF: do abstrato ao concreto. **Revista CFMV**, n.56, p. 69-71, 2012.

BRASIL. Conselho Federal de Medicina Veterinária. Resolução 714, de 20 de junho de 2002. Dispõe sobre procedimentos e métodos de eutanásia em animais. p.1, 2002.

BRASIL. Conselho Federal de Medicina Veterinária. A participação dos médicos veterinários nas equipes de saúde da família auxilia na promoção da Saúde Única. 2015. Disponível em: <http://portal.cfmv.gov.br/noticia/index/id/4426/secao/6> Acesso em 22 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde – Brasília. 2014. 812 p.

BRASIL. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Comportamento epidemiológico das leishmanioses, no Distrito Federal, até a semana epidemiológica n° 26, 2019. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Informativo-Epidemiol%C3%B3gico-das-Leishmanioses-n%C2%BA-2-2019.pdf> Acesso em: 29 set. 2019.

BRASIL. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Raiva e atendimento antirrábico humano em 2018. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/INFORMATIVO-RAIVA.pdf> Acesso em: 29 set. 2019.

BRASIL. Subsecretaria de Vigilância em Saúde. Informe epidemiológico das doenças imunopreveníveis de transmissão respiratória, hepatite A, hídricas e alimentares e dos acidentes com animais peçonhentos no Distrito Federal, 2017. Disponível em: http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Boletim-GEVEI-DADOS-2017_2018.pdf-Corrigido.pdf Acesso em: 29 set. 2019.

BÜRGER, K. P.; CARVALHO, A. C. F. B.; SAMPAIO, M.O.; BÜRGE, C. P. Diagnóstico de situação – noções de estudantes de Medicina Veterinária sobre a atuação na área da saúde pública. **Revista CES/Medicina Veterinária y Zootecnia**, Medellín, v. 4, n. 1, p. 10-16, 2009.

CABRAL, A. P. M.; MAZZUCATT, B. C. **Avaliação do conhecimento dos tutores de cães e gatos atendidos No hospital veterinário – Uem Umuarama sobre a importância da temática: saúde oral**. In: anais do II simpósio Produção sustentável e saúde animal. 2017. Maringá. 24 p.
CARDOSO, D. P.; OLIVEIRA, R.P; ESTRELA, D. S.;SARAIVA,L. A.; FARIAS, M. P. O; SILVA, P. O. Perfil dos tutores de cão e gato no município de Bom Jesus-PI. **PUBVET**, v.10, n.8, p.580-586, 2016.

CAPPELLI, C.; LUNEDO, P.; FREITAS, C.P.;RABER, H. R.; MANICA, E.; HASHIMOTO, J. H.;OLIVEIRA, V. Avaliação química e microbiológica das rações secas para cães e gatos adultos comercializadas a granel. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v.10, n.1, p. 90 – 102, 2016.

CATAPAN, D.C.; JUNIOR, J. A. V.; WEBER, S. H.; MANGRICH, R. M. V.; SZCZYPKOVSKI, A. D.; CATAPAN, A.; PIMPÃO, C. T. Percepção e atitudes do ser humano sobre guarda responsável, zoonoses, controle populacional e cães em vias públicas. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 22, n. 2, p. 92-98, 2015.

COSTA, H. X. **A importância do Médico Veterinário no contexto de saúde pública**. 2011. 31f. Seminário disciplinar - Disciplina Seminários Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 24.645, de 30 de setembro de 1998. Estabelece medidas de Proteção aos Animais. Estabelece diretrizes relativas à proteção e à defesa dos animais , bem como à prevenção e ao controle de zoonoses no Distrito Federal. LDF -1998-02095 Câmara Legislativa Do Distrito Federal. Distrito Federal, 1998.

DOMINGUES L.R. **Posse responsável de cães e gatos na área urbana do município de Pelotas, RS, Brasil**. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

DUNCAN, I. J. H. *Science-based assessment of animal welfare: farm animals*. **Revue Scientifique et Technique**. International Office of Epizootics, Paris, v. 24, n. 2, p. 483-492, 2005.

ELIZEIRE, M.B. **Expansão do mercado pet e a importância do marketing na Medicina Veterinária**. 2013. 51 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GARCIA, J. L.; NAVARRO, I. T.; OGAWA, L.; OLIVEIRA, R. C.; KOBILKA, E. Soroprevalência, epidemiologia e avaliação ocular da toxoplasmose humana em uma área rural em Jaquapitã, (Paraná), Brasil. **Jornal Americano de Revista Panamericana de Saúde Pública**, v. 6, p. 157-163, 1999.

GAZZANO, A.; MARITI, C.; ALVARES, S.; COZZI, A.; TOGNETTI, R.; SIGHIERI, C. *The prevention of undesirable behaviors in dogs: effectiveness of veterinary behaviorists' advice given to puppy owners.* **Journal of Veterinary Behavior**, Philadelphia, v. 3, n. 3, p. 125-133, 2008.

GRANT S.; OLSEN C. W. Prevenção de doenças zoonóticas em pessoas imunocomprometidas: o papel dos médicos e veterinários. **Doenças Infecciosas Emergentes**, vol. 5, n. 1, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, população de animais de estimação no Brasil – 2013. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anosanteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf> Acesso em: 02 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país – 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais> Acesso em: 21 nov. 2019.

LAGES, S. L. S. **Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

LANGONI, H. *Zoonoses and human beings.* **Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases.** Botucatu, vol. 10, n. 2, p 111, 2004.

LANGONI, H., TRONCARELLI, M. Z., RODRIGUES, E. C., NUNES, H. R. D. C., HARUMI, V., HENRIQUES, M. V., SILVA, K. M. & SHIMONO, J. Y. Conhecimento da população de Botucatu-SP sobre guarda responsável de cães e gatos. **Veterinária e Zootecnia**, 18, 297-305, 2011.

LOSS, L. D.; MUSSI, J. M. S.; LEÃO, M. S.; FRANGUE, M. P. Posse responsável e conduta de proprietários de cães no município de Alegre-ES. **Revista Acta Veterinária Brasilica**, v.6, n.2, p. 105-111, 2012.

MATIELI, L.; CURTO, S. **Microchip - a identificação eletrônica dos animais**. Trabalho Específico para a disciplina Administração de Sistema de Informação. Centro Universitário do Espírito Santo, 2009.

MELLO, F.P.S.; GAIRA M.S.; KLEIN N.; DALMOLIN F.; FILHO S.T.L.P. Incidência de automedicação em cães e gatos atendidos no hospital veterinário da PUC-RS de julho de 2007 a junho de 2008. **Anais online do 35º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária**, Gramado/RS, 2008. Disponível em: <http://www.sovergs.com.br/conbravet2008/anais/cd/resumos/R0>. Acesso: 10 out. 2019.

MENDES, J.V.; PIRES, P.G.S.; TEIXEIRA, L.; MAIER, J.C.; BERNARDI, E. Avaliação de alimentos secos industrializados para cães e gatos expostos ao ambiente. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer** – Goiânia, v.10, n.19, p.306, 2014.

MENDONÇA, A. T. A. **Bem-estar animal: conceitos, importância e aplicabilidade para animais de companhia e de produção**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2019.

MORAES, F. C. **Educação em saúde: formação de multiplicadores em zoonoses e guarda responsável de animais de estimação**. 2013, 72 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

OLIVEIRA, J. S.; CHAVES, A. M.; GONÇALVES, L.; GOMEZ, M. L. R.; COSTA, S.; ROSA, V. B.; MIRANDA, I. C. S.; TEIXEIRA, M. C. Acumuladores de animais – identificação do perfil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 84-84, 2017.

OLIVEIRA, R. R.; SOUZA, V. P.; CARVALHO, P. F. G.; FRIAS, F. R. Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista Salud Pública**, 2018. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsap/2018.v20n2/198-203/pt/#>. Acesso em: 20 out. 2019.

OLIVEIRA-NETO, R. R.; SOUZA, V. F.; CARVALHO, P. F. G.; FRIAS, D. F. R. Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista de Salud Pública**. 2018, v. 20, n. 2

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Zoonoses. 2019. Disponível em: <http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em: 10 out. 2019.

PELLENZ, J.; ZIMMERMANN, J. A. R.; BREMM, T.; AGUIAR, C.; BRUM, D. S.; CARVALHO, N. C. **Percepção da população uruguaianense sobre posse responsável de animais no município**. Anais do 8º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2016.

PERINI E.; RAMOS, P. Médico-veterinário: uma questão de sobrevivência-desenvolver a saúde ou o mercado? **Revista Leonardo Pós**, 1(3): 59-64, 2003.

PFUETZENREITER, M.R.; ZYLBERSZTAJN, A. O ensino de saúde e os currículos dos cursos de medicina veterinária: um estudo de caso. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 8, n. 15, p. 349-360, 2004.

REBELLO, Z. I. L. **Caracterização dos comportamentos de tutores de animais de estimação numa amostra não probabilística**. 2016, 70 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

RODRIGUES, I. M. A.; LUIZ, D. P.; CUNHA, G. N. Princípios da guarda responsável: perfil do conhecimento de tutores de cães e gatos no município de patos de minas – MG. **Ars Veterinaria**, Jaboticabal, SP, v.33, n.2, 064-070, 2017.

SALES, J. A. **Investigação acerca do profissional Médico Veterinário do ponto de vista dos proprietários de animais atendidos em clínicas veterinárias do Distrito Federal**. 2003, 26 f. Trabalho Final de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília.

SANTANA, L.R.; OLIVEIRA, T.P. **Guarda responsável e dignidade dos animais**, 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/32362/19167> Acesso em: 15 set. 2019.

SANTOS, M. A. O.; NUNES, R. R. S. **Toxoplasmose Gestacional de 2011 a 2016 no Distrito Federal**. 2017, 52 f. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.

SANTOS, N. S.; CARLOS R. S. A.; ALBUQUERQUE G. R. Doença periodontal em cães e gatos - revisão de literatura. **Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**; 2012; 10(32); 30-41

SCHOENDORFER, L.M.P. **Interação homem animal de estimação na cidade de São Paulo: o manejo inadequado e as consequências em Saúde Pública**. 2001. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, G. J.; SILVA, E. T.; COSTA, G. R. T.; SANTOS, I. B.; Vigilância da Leishmaniose Visceral no Distrito Federal: aspectos organizacionais, situação epidemiológica e medidas intersetoriais. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 28, n. 02, 2017.

SILVA, S. R.; **Avaliação da infecciosidade em cães vacinados com Leish-Tec® (Hertape Saúde Animal S/A) para Lutzomyia longipalpis (Diptera: Psychodidae, Phlebotominae)**. 2015. Dissertação (Doutorado em Medicina Veterinária) - Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte.

SILVANO, D.; BENDAS, A. J. R.; MIRANDA, M. G. N.; PINHÃO, R.; MENDES-DE-ALMEIDA, F.; LABARTHE, N. V.; PAIVA, J. P. Divulgação dos princípios da guarda responsável: uma vertente possível no trabalho de pesquisa a campo. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, v.9, n.9, p.64-86, 2010.

SOUSA, M.R.Q.; SILVA, F.B.S. Interação homem-animal e sua relação com a guarda responsável de cães em um bairro da cidade do Recife-PE. **PUBVET**, Londrina, V. 6, N. 5, Ed. 192, Art. 1294, 2012.

SOUSA, T. C.; FRANCISCO, A. K. P. R.; SANTOS, I. B. Leishmaniose Canina em Brasília, DF: Uma Revisão da Literatura. **Revista Tempus actas de saúde coletiva**, v. 9, n. 3, 2015.

SOUZA, M. F. A. Bioética e bem-estar animal: novos paradigmas para a Medicina Veterinária. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v.14, n.43, p.57-61, 2008.

SOTO, F. R. M.; BERNARDI, F. Programa de educação continuada sobre posse responsável de cães e gatos: a integração entre secretaria da educação e saúde no Município de Ibiúna-SP. **Revista Ciência em Extensão**, v.7, n.2, p.130, 2011.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças na atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 544 p.

VASCONCELLOS, S.A. **Zoonoses: conceito**. Centro de Vigilância Sanitária e Controle de Zoonoses, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.praia grande.sp.gov.br/arquivos/cursos_sesap2/Zoonoses%20Conceito.pdf Acesso em: 02 de out de 2019.

WESTGARTH, C.; PINCHBECK, G. L.; BRADSHAW, J. W. S.; DAWSON, S.; GASKELL, R. M.; CHRISTLEY, R. M. *Factors associated with dog ownership and contact with dogs in a UK community*. **BMC Veterinary Research**, London, v. 3, n. 5, 2007.

WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION - WSAVA. Diretrizes para o Bem-Estar Animal da WSAVA. 2018. Disponível em: [https://www.wsava.org/WSAVA/media/Documents/Guidelines/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-\(2018\)-PORTUGUESE.pdf](https://www.wsava.org/WSAVA/media/Documents/Guidelines/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-(2018)-PORTUGUESE.pdf) Acesso em: 02 nov. 2019.

WORLD VETERINARY ASSOCIATION - WVA. **Policy on animal welfare, wellbeing and ethology**. *World Veterinary Association Bulletin*, v. 10, p. 9-10, 1993.



PARTE II - RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB) consiste em um período de atividades práticas, com o objetivo de fazer com que o aluno concluinte possa aplicar e aperfeiçoar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação, além de poder vivenciar a profissão na sua forma prática.

Durante o estágio o aluno tem a oportunidade de desenvolver habilidades práticas e de raciocínio clínico, aprender sobre a postura durante os atendimentos e sobre a relação com os tutores dos animais, conhecer diferentes condutas médicas e aprender a lidar com as adversidades da rotina clínica.

O estágio foi realizado na área de clínica médica de pequenos animais, dividido em duas etapas. A primeira fase do estágio foi realizada no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau (HVC), sob supervisão da Médica Veterinária Juliana Rosito. Já a segunda fase foi realizada no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília (HVET), sob supervisão do Médico Veterinário prof. Dr. Jair Duarte da Costa Júnior. A duração do estágio foi de 3 meses, compreendidos entre os dias 05 de agosto de 2019 a 31 de outubro de 2019, com carga horária total de 504 horas divididas em 40 horas semanais.

2. HOSPITAL VETERINÁRIO DR. ANTÔNIO CLEMENCEAU – HVC

2.1 Estrutura Física e Atendimentos

O Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau está localizado no Setor de Áreas Isoladas Sul (SAIS) Lote 14, em Brasília – DF e foi fundado no ano de 1978. O hospital atende clínica médica e cirúrgica geral e as mais diversas especialidades da Medicina Veterinária, como Dermatologia, Oftalmologia, Cardiologia, Oncologia, Endocrinologia, Odontologia, Ortopedia, Neurologia, Nefrologia, Urologia, Medicina Felina, Fisioterapia e Diagnóstico por imagem. No total, atuam 28 Médicos Veterinários, diversos funcionários e estagiários. O hospital também possui outros serviços como hospedagem, banho e tosa e transporte para animais.

A internação do hospital é dividida em sete áreas, sendo uma unidade de terapia intensiva (UTI) para pacientes críticos, um setor para cães de grande porte, um para doenças infectocontagiosas, um exclusivo para felinos e outros três setores para cães de pequeno e médio porte (FIGURA 19).



FIGURA 19 - **A)** Setor de internação “D”. **B)** Setor de internação “C”. **C)** Setor de internação de felinos. **D)** Setor de internação “E” para cães de grande porte. **E)** Unidade de terapia intensiva.

Para o atendimento das consultas, existem seis consultórios para o atendimento clínico geral e algumas especialidades e outros consultórios para o uso exclusivo das consultas de Oftalmologia, Cardiologia, Medicina Felina e Oncologia (FIGURA 20).



FIGURA 20 - Consultórios para os atendimentos de clínica médica geral e algumas especialidades do Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau.

Além disso, o hospital possui uma sala de medicação, uma farmácia, dois centros cirúrgicos, uma sala de preparação, um vestiário, uma sala para lavagem e esterilização de materiais cirúrgicos, uma sala para exame ultrassonográfico, uma sala para exame radiográfico, uma sala para hemodiálise, um local para os atendimentos de odontologia, uma área de banho e tosa e outros locais como recepção, copa, lavanderia comum, sala de descanso e duas salas de administração (FIGURA 21).





FIGURA 21 - **A)** Um dos centros cirúrgicos. **B)** Sala de ultrassonografia. **C)** Sala de radiografia. **D)** Sala de hemodiálise

O hospital possui, ainda, uma área destinada somente para a especialidade de fisioterapia veterinária, contendo um espaço com piscina e esteira para atividades de hidroterapia (FIGURA 22) e outro espaço para as mais diversas atividades.



FIGURA 22 - Hidroesteira para cães no espaço de fisioterapia do Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau

O hospital funciona 24h por dia para a clínica médica e cirúrgica geral, porém o atendimento com as especialidades somente mediante horário marcado.

2.2 Atividades Desenvolvidas

As atividades propostas foram diversas, dentre elas acompanhar as consultas e emergências da clínica médica, ajudando os Médicos Veterinários quando necessário; administrar medicações prescritas; realizar coletas de sangue, cateterizações e sondagens; acompanhar procedimentos como transfusões

sanguíneas, hemodiálises, reanimações cardiopulmonares e eutanásias. Os estagiários também tinham como atividade monitorar os pacientes internados, fornecer a alimentação prescrita, verificar presença de vômito, fezes e urina e participar dos procedimentos de emergência.

Durante o estágio, também foi possível acompanhar as consultas das especialidades clínicas como ortopedia, neurologia, oftalmologia, oncologia, cardiologia, endocrinologia, nefrologia, odontologia, fisioterapia e diagnóstico por imagem, assistindo à realização dos exames complementares, como a ultrassonografia e a radiografia, e auxiliando na contenção física dos animais. Eventualmente, os estagiários da clínica médica tinham a oportunidade de acompanhar cirurgias quando solicitado para o Médico Veterinário responsável e, para isso, deveriam vestir pijama cirúrgico e usar máscara, gorro e propé no centro cirúrgico.

Os Médicos Veterinários frequentemente questionavam os estagiários sobre as condutas clínicas, possíveis diagnósticos e protocolos, sempre discutindo os casos atendidos e tornando o atendimento mais dinâmico.

Durante a rotina, era obrigatório o uso de jaleco branco, sapato fechado e um crachá de identificação contendo o nome do aluno, instituição de ensino e área de atuação no estágio, além de portar sempre estetoscópio, termômetro, caneta e bloco de anotação. As atividades tinham início às 8h da manhã, com pausa de duas horas para o almoço e se encerravam às 18h. O período de estágio foi realizado entre o dia 05 de agosto a 27 de setembro, totalizando 320 horas, distribuídas em 40 horas semanais.

2.3 Casuística de Animais Atendidos

Durante o período de 5 de agosto a 27 de setembro foram acompanhados 190 casos clínicos, entre cães e gatos. A análise de dados destes atendimentos será exposta por meio de quadros que constam o número absoluto de cada diagnóstico/suspeita e seu respectivo valor porcentual de frequência, a fim de permitir maior compreensão dos resultados obtidos.

A proporção de atendimentos de cães e gatos está exposta na FIGURA 23, enquanto as categorias de atendimento e diagnósticos ou suspeitas dos pacientes caninos e felinos acompanhados estão listadas nos QUADROS 1 e 2,

respectivamente. A casuística dos pacientes caninos está exposta na FIGURA 03, enquanto a dos pacientes felinos pode ser observada na FIGURA 04.

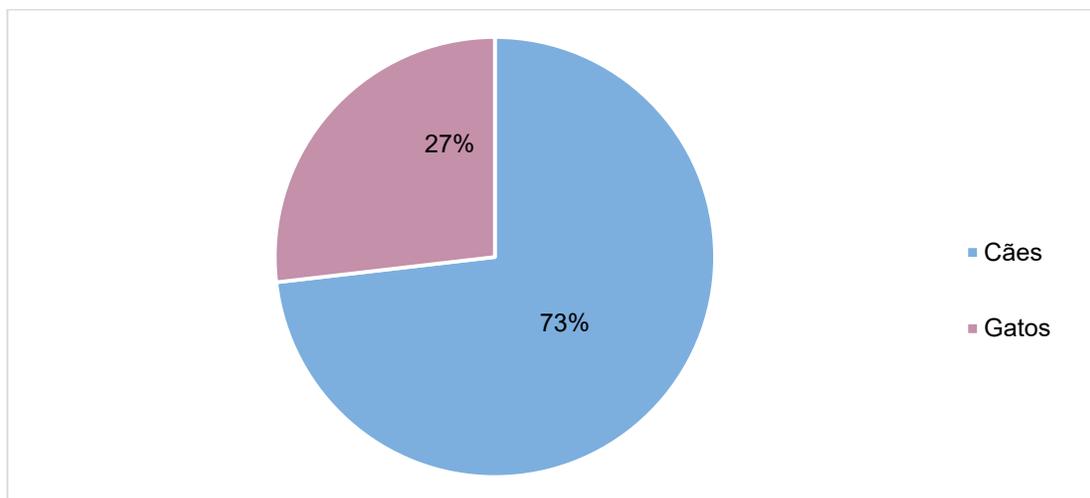


FIGURA 23 - Proporção de cães e gatos atendidos durante o período de estágio no Hospital Dr. Antônio Clemenceau

QUADRO 1 – Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau

CÃES		
Diagnóstico/suspeita	Número de casos	Frequência (%)
Distúrbios Gastrointestinais	27	19,42%
Pancreatite	10	7,19%
Corpo estranho intestinal	1	0,72%
Indiscrição alimentar	6	4,32%
Doença Intestinal inflamatória	3	2,16%
Gastroenterite	7	5,04%
Distúrbios Endócrinos	8	5,76%
Diabetes Mellitus	3	2,16%
Hipotireoidismo	1	0,72%
Hiperadrenocorticism	4	2,88%
Distúrbios Geniturinários	25	17,99%
Doença renal crônica	11	7,91%
Doença renal aguda	3	2,16%
Cistite	2	1,44%
Urolitíase	4	2,88%
Distocia	3	2,16%
Distúrbios Oftalmológicos	3	2,16%
Uveíte	1	0,72%
Úlcera de córnea	2	1,44%
Distúrbios dermatológicos	16	11,51%
Otite	4	2,88%
Pododermatite	1	0,72%
Saculite anal	1	0,72%

(Continuação)

Diagnóstico/suspeita	Número de casos	Frequência (%)
Distúrbios dermatológicos	16	11,51%
Sarna Sarcóptica	1	0,72%
Dermatite atópica	4	2,88%
Feridas	5	3,60%
Distúrbios cardiovasculares	2	1,44%
Endocardiose	2	1,44%
Doenças infecciosas	19	13,67%
Parvovirose	1	0,72%
Erliquiose	6	4,32%
Giárdia	3	2,16%
Leishmaniose	9	6,47%
Distúrbios neurológicos	9	6,47%
Convulsão	7	5,04%
Acidente vascular cerebral (AVC)	2	1,44%
Distúrbios ortopédicos	9	6,47%
Fratura	6	4,32%
Hérnia de disco	3	2,16%
Distúrbios oncológicos	8	5,76%
Mastocitoma	1	0,72%
Linfoma	3	2,16%
Neoplasia cerebral	3	2,16%
Neoplasia hepática	1	0,72%
Outros	13	9,35%
Check-up	4	2,88%
Vacinação	6	4,32%
Trauma	3	2,16%
TOTAL	139	100,00%

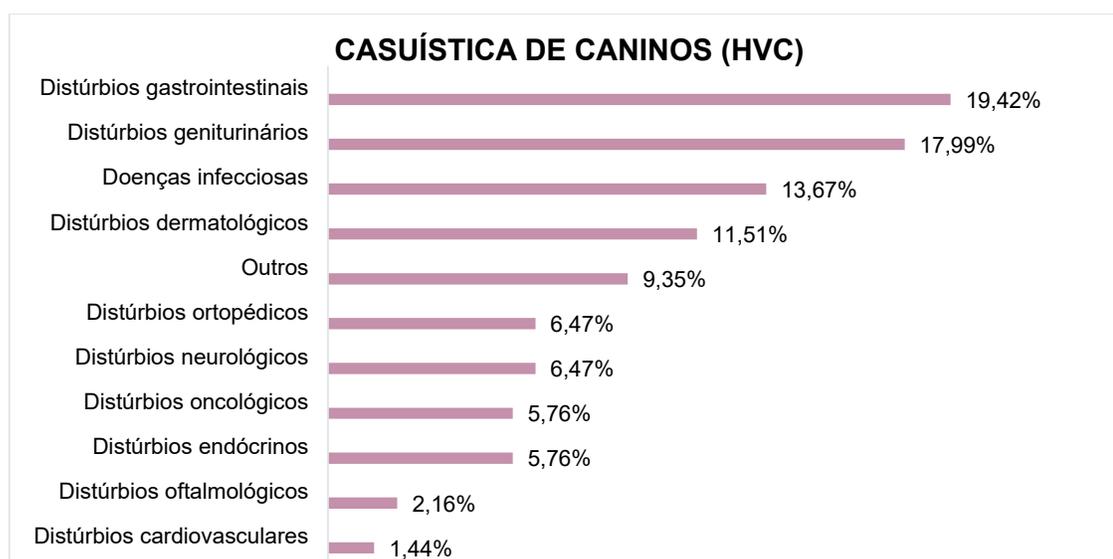


FIGURA 24 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau

QUADRO 2 - Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau

GATOS		
Diagnóstico/suspeita	Número de casos	Frequência (%)
Distúrbios Gastrointestinais	4	7,84%
Pancreatite	2	3,92%
Lipidose hepática	2	3,92%
Distúrbios Endócrinos	5	9,80%
Hipertireoidismo	5	9,80%
Distúrbios Geniturinários	15	29,41%
Cistite intersticial idiopática	3	5,88%
Doença renal crônica	6	11,76%
Doença renal aguda	1	1,96%
Obstrução uretral	5	9,80%
Distúrbios Oftalmológicos	2	3,92%
Glaucoma	1	1,96%
Úlcera de córnea	1	1,96%
Distúrbios dermatológicos	6	11,76%
Abscesso	1	1,96%
Saculite anal	1	1,96%
Feridas	4	7,84%
Doenças infecciosas	6	11,76%
Infecção pelo vírus da Leucemia Felina	6	11,76%
Distúrbios neurológicos	1	1,96%
Convulsão	1	1,96%
Distúrbios ortopédicos	4	7,84%
Fratura	4	7,84%
Distúrbios oncológicos	3	5,88%
Neoplasia hepática	1	1,96%
Linfoma	2	3,92%
Outros	5	9,8%
Vacinação	5	9,80%
TOTAL	51	100,00%

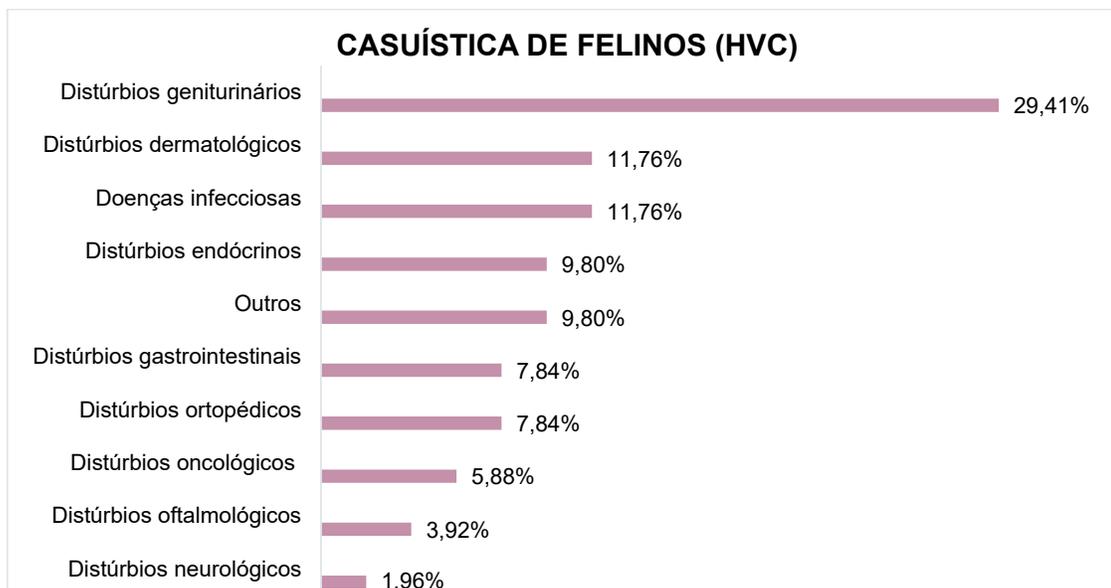


FIGURA 25 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau

2.4 Discussão

No período correspondente ao estágio, houve maior número de atendimentos de pacientes da espécie canina, os quais representaram 73% do valor total de animais. Quanto a casuística dos atendimentos, nota-se maior incidência de distúrbios gastrointestinais e geniturinários nos pacientes caninos e maior incidência de distúrbios geniturinários, dermatológicos e doenças infecciosas nos pacientes felinos.

Em ambos os grupos de animais, a Doença Renal Crônica foi uma enfermidade com alta incidência. Desse modo, é importante o acompanhamento periódico veterinário para evitar a progressão da doença com suporte adequado. Nos pacientes felinos, destaca-se, ainda, a Infecção pelo vírus da Leucemia Felina (FELV), evidenciando a importância da inclusão de testes na rotina para o diagnóstico dos animais. Além disso, os tutores devem ser informados sobre a doença, os fatores de risco e a possibilidade de vacinação.

De modo geral, o hospital possui uma casuística bem diversificada, expondo os estagiários a diferentes situações. A infraestrutura do local propicia diagnósticos mais rápidos, devido a facilidade de acesso aos exames complementares e rapidez dos resultados.

3. HOSPITAL VETERINÁRIO DE PEQUENOS ANIMAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – HVET/UNB

3.1 Estrutura Física e Atendimentos

O Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília fica localizado na L4 Norte, dentro do campus Darcy Ribeiro. O local possui três blocos, sendo um para o atendimento de animais silvestres, um para o atendimento de cães e gatos e outro bloco contendo os laboratórios de patologia clínica, patologia veterinária, microbiologia, parasitologia e salas de aula.

O setor de atendimento de cães e gatos é composto pela clínica médica, com especialidades como cardiologia, dermatologia, clínica de felinos e diagnóstico por imagem e pela clínica cirúrgica, que contém as especialidades de oftalmologia, neurologia e ortopedia. O hospital possui três consultórios para a clínica cirúrgica, três consultórios para a clínica médica, sendo um exclusivo para felinos, um setor de internação para cães e outro para gatos, além da recepção, sala de medicação pré anestésica (MPA), dois centros cirúrgicos, sala para exame ultrassonográfico, sala para exame radiográfico, sala para ecocardiografia e eletrocardiografia, sala para o banco de sangue canino, farmácia, sala para acupuntura, sala de estudos e de descanso, lavanderia e copas (FIGURA 26)





FIGURA 26 - - A) Faixada do Hospital Veterinário da UnB. B) Banco de sangue canino. C) Internação de felinos. D) Consultório de felinos. E) Consultório 6 da clínica médica. F) Consultório 5 da clínica médica. G) Um dos centros cirúrgicos.

Os atendimentos são realizados de acordo com a triagem, por ordem de chegada e de urgência com um número limite de vagas. As atividades do hospital se iniciam às 7h 30 min e se encerram às 18h.

3.2 Atividades Desenvolvidas

Durante o estágio, foram realizadas atividades como a anamnese de novas consultas e retornos, exame físico geral do animal (avaliação do estado geral, coloração das mucosas, tempo de preenchimento capilar, estado de hidratação, avaliação da frequência cardíaca e respiratória, aferição da temperatura retal e pressão arterial sistólica e diastólica, e avaliação do tamanho e aspecto dos linfonodos), administração de medicações, coleta de sangue, coleta de urina por sondagem ou cistocentese guiada por ultrassom e coleta de outros materiais para exames complementares como microbiológicos e parasitológicos, quando autorizado pelos residentes.

Na rotina também foi possível acompanhar emergências, transfusões sanguíneas, procedimentos como abdominocentese, colocação de sonda nasogástrica e uretral, punção medular e realização de exame ultrassonográfico.

Os casos acompanhados eram constantemente debatidos entre os residentes, professores e estagiários, possibilitando melhor compreensão das condutas clínicas e outros protocolos de tratamento.

Os estagiários deveriam usar jaleco, roupa preferencialmente branca, sapato fechado e portar sempre estetoscópio, termômetro, caneta e caderno para anotações. As atividades tinham início às 8h, com pausa de duas horas para o almoço e se encerravam às 18h. O período de estágio foi realizado entre o dia 30

de setembro a 31 de outubro, totalizando 184 horas, distribuídas em 40 horas semanais.

3.3 Casuística de Animais Atendidos

Durante o período do estágio, foram acompanhados 76 casos, entre cães e gatos. A análise de dados destes atendimentos será exposta por meio de quadros que constam o número absoluto de cada diagnóstico/suspeita e seu respectivo valor porcentual de frequência, a fim de permitir maior compreensão dos resultados obtidos.

A proporção de atendimentos de cães e gatos está exposta na FIGURA 27, enquanto as categorias de atendimento e diagnósticos ou suspeitas dos pacientes caninos e felinos acompanhados estão listadas nos QUADROS 03 e 04, respectivamente. A casuística dos pacientes caninos está exposta na FIGURA 28, enquanto a dos pacientes felinos pode ser observada na FIGURA 29.

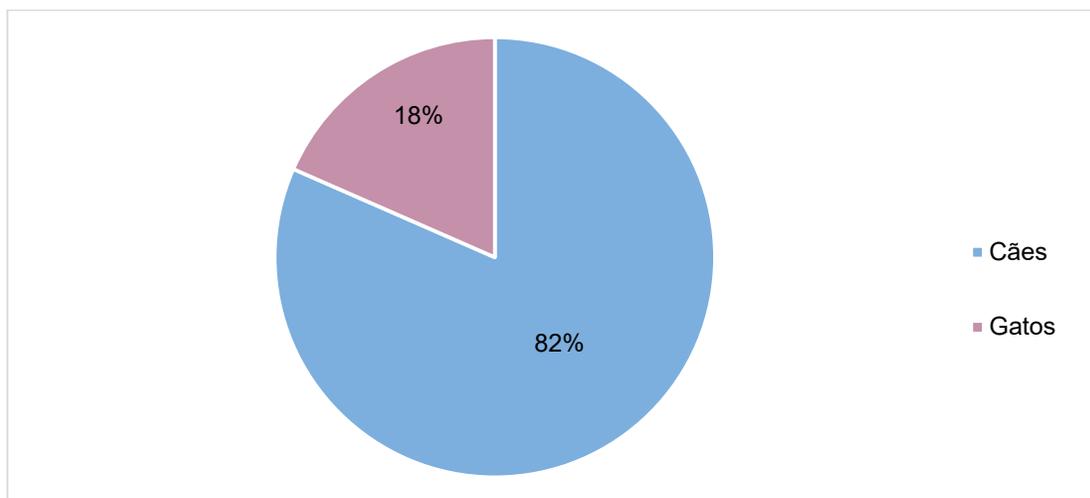


FIGURA 27 - Proporção de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília

QUADRO 03 – Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília

CÃES		
Diagnóstico/suspeita	Número de casos	Frequência (%)
Distúrbios gastrointestinais	6	9,68%
Gastrite medicamentosa	1	1,61%
Indiscrição alimentar	1	1,61%
Pancreatite	2	3,23%
Gastroenterite	2	3,23%
Distúrbios geniturinários	12	19,35%
Doença renal crônica	4	6,45%
Distocia	1	1,61%
Cistite bacteriana	1	1,61%
Urolitíase	2	3,23%
Piometra	4	6,45%
Distúrbios dermatológicos	10	16,13%
Dermatite alérgica a picada de pulgas	1	1,61%
Otite	4	6,45%
Dermatite atópica	4	6,45%
Sarna Sarcóptica	1	1,61%
Distúrbios cardiovasculares	3	4,84%
Insuficiência cardíaca congestiva	2	3,23%
Endocardiose	1	1,61%
Doenças infecciosas	23	37,10%
Leishmaniose	10	16,13%
Cinomose	2	3,23%
Parvovirose	1	1,61%
Babesiose	2	3,23%
Erliquiose	8	12,90%
Distúrbios neurológicos	2	3,23%
Convulsão	2	3,23%
Distúrbios oncológicos	4	6,45%
Mastocitoma	2	3,23%
Neoplasia mamária	2	3,23%
Outros	2	3,23%
Intoxicação medicamentosa	1	1,61%
Polimiosite	1	1,61%
Check-up	4	6,45%
TOTAL	62	100,00%

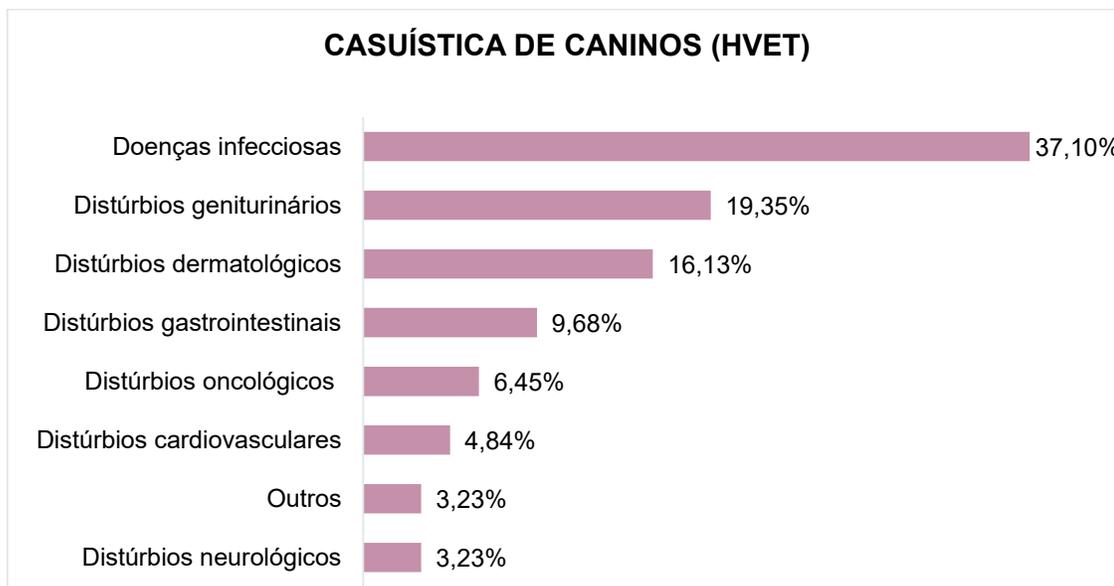


FIGURA 28 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes caninos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília

QUADRO 04 - Categoria de atendimento e suspeitas clínicas e diagnósticas dos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília

GATOS		
Diagnóstico/suspeita	Número de casos	Frequência (%)
Distúrbios Gastrointestinais	3	21,43%
Pancreatite	2	14,29%
Lipidose hepática	1	7,14%
Distúrbios endócrinos	2	14,29%
Hipertireoidismo	2	14,29%
Distúrbios geniturinários	6	42,86%
Doença renal crônica	3	21,43%
Cistite intersticial idiopática	2	14,29%
Obstrução uretral	1	7,14%
Doenças infecciosas	2	14,29%
Infecção pelo vírus da Leucemia Felina	2	14,29%
Distúrbios oncológicos	1	7,14%
Linfoma	1	7,14%
TOTAL	14	100,00%

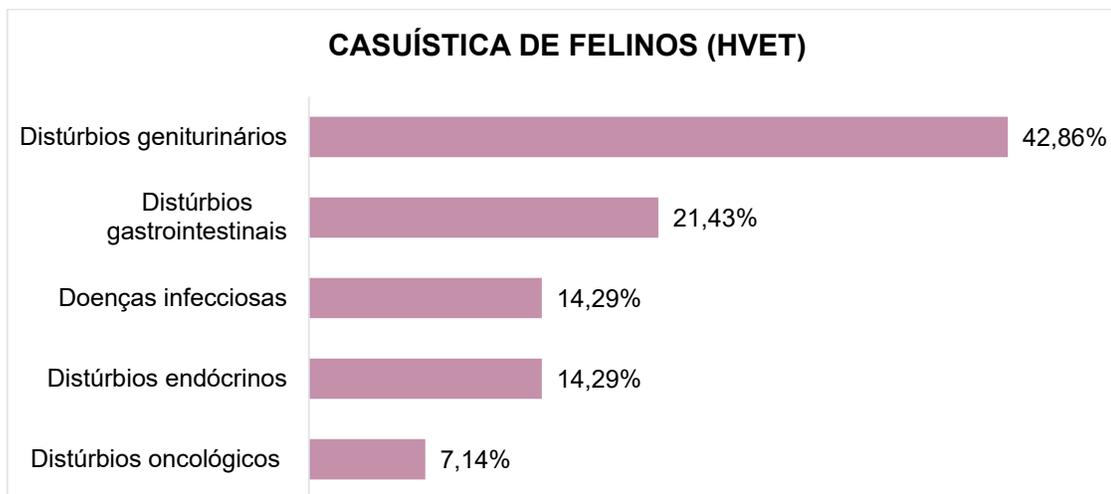


FIGURA 29 - Casuística de atendimentos categorizados por tipos de distúrbios nos pacientes felinos acompanhados no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília

3.4 Discussão

Durante os atendimentos na clínica médica, observou-se maior número de atendimentos de cães, os quais representaram 82% do valor total de animais, assim como ocorreu na primeira etapa do estágio, no HVC. Esse número pode ser justificado pelo rodízio durante o estágio nos diferentes setores do hospital, que torna o tempo de permanência no setor dos felinos menor comparado ao setor dos cães.

Quanto a casuística de atendimentos, nota-se maior incidência de doenças infecciosas nos pacientes caninos e maior incidência de distúrbios geniturinários nos pacientes felinos. A doença com maior incidência observada nos pacientes caninos foi a Leishmaniose Visceral, uma doença endêmica na região do Distrito Federal, o que ressalta a importância de informar aos tutores sobre a doença e as formas de preveni-la. A casuística dos gatos mostra maior afecção de distúrbios geniturinários, principalmente a Doença Renal Crônica, assim como constatado nos atendimentos do HVC.

O Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília é um local de referência, embora os atendimentos eventualmente sejam prejudicados pela falta de materiais e medicamentos. Alguns exames complementares são menos acessíveis, o que torna o diagnóstico mais demorado e, muitas vezes, há impossibilidade de fechar um diagnóstico pela falta de recurso dos tutores, já que a maior parte da clientela é de baixa renda.

4. CONCLUSÃO

O estágio supervisionado foi realizado no Hospital Veterinário Dr. Antônio Clemenceau e no Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade de Brasília. Ambos os locais proporcionaram diferentes experiências e agregaram muito conhecimento através da vivência da rotina clínica, contato direto com os tutores, cuidado com os pacientes e diversas atividades propostas.

O período de estágio promoveu enriquecimento profissional e amadurecimento, o que o torna essencial para a formação do aluno concluinte.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO

1- Qual a sua faixa etária?

- Até 15 anos
- 16 a 25 anos
- 26 a 40 anos
- 41 a 55 anos
- Acima de 56 anos

2- Qual é a renda total do seu agregado familiar?

- Até 2 salários mínimos (Até R\$ 1.874,00)
- De 2 a 4 salários mínimos (R\$ 1.874,01 a R\$ 3.748,00)
- De 4 a 10 salários mínimos (R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00)
- De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 9.370,01 a R\$ 18.740,00)
- Acima de 20 salários mínimos (R\$ 18.749,01 ou mais)

3- Qual é o seu nível de escolaridade?

- Sem grau de escolaridade
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação

4- Qual espécie de animal possui?

- Cachorro
- Gato
- Cachorro e gato

5- Quantos animais possui no total?

- 1 a 2
- 3 a 5
- 6 a 8
- 9 ou mais

6- Principal motivo para adquirir o animal:

- Amor aos animais
- Companhia
- Pedido de outro membro da família
- Segurança/proteção da residência
- Comercial (venda)
- Outro

7- Onde você costuma comprar a ração do seu animal?

- Supermercado
- Pet shop
- Casa agropecuária
- Outro
- Não alimento o meu animal com ração comercial

8- O que você leva em consideração na hora de escolher uma ração? (Várias alternativas)

- Preço
- Recomendação do Médico Veterinário
- Recomendação de outras pessoas
- Ser Premium/Super Premium
- Marca conhecida
- Embalagem

9- Com qual frequência o seu animal é vacinado?

- Anualmente
- A cada 2 anos
- A cada 3 anos
- Somente foi vacinado quando filhote
- Nunca foi vacinado
- Não sei

10- Local onde realiza a vacinação:

- Clínica veterinária
- Somente em campanhas
- Casa agropecuária
- Atendimento domiciliar
- Não vacina
- Outro

11- O seu animal foi vacinado contra a raiva (vacina antirrábica) no último ano?

- Sim
- Não
- Não sei

12- Você faz controle de pulga/carrapato no seu animal (coleiras repelentes, produtos tópicos, medicamentos por via oral etc.)?

- Sim
- Não

13- Com qual frequência o seu animal é vermifugado?

- A cada 3 ou 4 meses
- A cada 6 meses
- Esporadicamente
- Nunca foi vermifugado
- Não sei

14- O seu animal (ou pelo menos um dos seus animais) é castrado?

- Sim
- Não

15- Se sim, qual o principal motivo que levou você a castrá-lo?

- Saúde (Indicação do Médico Veterinário, prevenção de doenças...)
- Evitar comportamentos indesejados
- Não procriar
- Não entrar no cio

16- Você escova os dentes do seu animal?

- Sim
- Não

17- Se sim, com qual frequência?

- Todos os dias
- Somente alguns dias na semana
- Raramente
- Somente quando vai ao pet shop

18- O seu animal tem acesso à rua?

- Sim, livre acesso
- Sim, mas somente na presença do proprietário
- Não

19- O seu animal usa alguma plaquinha de identificação contendo o nome e número do proprietário?

- Sim
- Não

20- Você já administrou algum medicamento no seu animal sem a prescrição de um Médico Veterinário?

- Sim
- Não

21- Quando o animal aparenta estar doente, você:

- Leva imediatamente ao veterinário
- Trata em casa, se não melhorar leva ao veterinário
- Trata em casa utilizando experiência familiar ou recomendação de outras pessoas
- Pesquisa orientação na internet
- Não faz nada

Outros

22- Você tem conhecimento sobre alguma doença transmitida pelos animais aos seres humanos?

Sim

Não

23- Se sim, qual?

24- Se sim, através de que meio você obteve essa informação?

Internet/redes sociais

Médico

Médico Veterinário

Família ou amigos

Trabalho

Escola/faculdade

Televisão

Outro

25- Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Leishmaniose?

Sim

Não

26- Você faz algo para proteger o seu animal da Leishmaniose?

Vacinação

Produtos repelentes (coleiras repelentes, produtos tópicos)

Vacinação e produtos repelentes

Não

27- Você sabe como ela é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)

Através da mordedura/lambedura de cães infectados

- () Através do contato com fezes/urina de cães infectados
- () Através da picada de um mosquito infectado
- () Através da picada de um carrapato infectado
- () Através do ar
- () Não sei

28- Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Raiva (doença)?

- () Sim
- () Não

29- Se sim, como você acha que ela é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)

- () Através da mordedura/lambadura de animais infectados
- () Através do contato com fezes/urina de animais infectados
- () Através da picada de um mosquito infectado
- () Através da picada de um carrapato infectado
- () Através do ar
- () Não sei

30- Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Toxoplasmose?

- () Sim
- () Não

31- Se sim, como você acha que ela é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)

- () Através da ingestão de água e alimentos contaminados com fezes de gatos infectados
- () Através da mordedura ou arranhão dos gatos
- () Através da ingestão de carne crua ou mal cozida
- () Limpando comedouro/bebedouro de gatos
- () Não sei

32- Na sua opinião, o Médico Veterinário é suficientemente esclarecedor quando explica os cuidados necessários para prevenção de doenças transmitidas por animais?

- De um modo geral, é sempre esclarecedor
- Nem sempre, às vezes fico com dúvidas
- Não, sempre fico com dúvidas

33- Você sabia que o Médico Veterinário atua na Saúde Pública e está ligado diretamente à saúde humana? (Atuando no controle e prevenção de doenças transmitidas por animais, na inspeção de alimentos de origem animal e vigilância sanitária etc.)

- Sim
- Não

APÊNDICE B – TESTE QUI-QUADRADO

Valor de P	Conclusão:
0,98506	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Onde você costuma comprar a ração do seu animal?' independem uma da outra.
0,48683	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'O que você leva em consideração na hora de escolher uma ração? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,95946	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vacinado?' independem uma da outra.
0,99791	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Local onde realiza a vacinação:' independem uma da outra.
0,99776	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'O seu animal foi vacinado contra a raiva (vacina antirrábica) no último ano?' independem uma da outra.
0,04118	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você faz controle de pulga/carrapato no seu animal (coleiras repelentes, produtos tópicos, medicamentos via oral, etc)?' dependem uma da outra.
0,11228	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vermifugado?' independem uma da outra.
0,17041	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'O seu animal (ou pelo menos 1 dos seus animais) é castrado?' independem uma da outra.
0,01473	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você escova os dentes do seu animal?' dependem uma da outra.
0,43545	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Leishmaniose?' independem uma da outra.
0,04739	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você faz algo para proteger o seu animal contra a leishmaniose?' dependem uma da outra.
0,72393	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você sabe como a leishmaniose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,84533	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Raiva (doença)?' independem uma da outra.
0,99773	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Raiva é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,00011	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Toxoplasmose?' dependem uma da outra.

0,00031	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Toxoplasmose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' dependem uma da outra.
0,97237	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Quando o seu animal aparenta estar doente, o que você faz? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,48330	A pergunta 'Qual a sua faixa etária?' e a pergunta 'Você tem conhecimento sobre alguma doença transmitida pelos animais aos seres humanos?' independem uma da outra.
0,00000	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Onde você costuma comprar a ração do seu animal?' dependem uma da outra.
0,00001	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'O que você leva em consideração na hora de escolher uma ração? (Várias alternativas)' dependem uma da outra.
0,91590	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vacinado?' independem uma da outra.
0,17578	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Local onde realiza a vacinação:' independem uma da outra.
0,54382	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'O seu animal foi vacinado contra a raiva (vacina antirrábica) no último ano?' independem uma da outra.
0,70753	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você faz controle de pulga/carrapato no seu animal (coleiras repelentes, produtos tópicos, medicamentos via oral, etc)?' independem uma da outra.
0,25549	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vermifugado?' independem uma da outra.
0,01158	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'O seu animal (ou pelo menos 1 dos seus animais) é castrado?' dependem uma da outra.
0,67328	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você escova os dentes do seu animal?' independem uma da outra.
0,14481	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Leishmaniose?' independem uma da outra.
0,38444	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você faz algo para proteger o seu animal contra a leishmaniose?' independem uma da outra.

0,01243	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você sabe como a leishmaniose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' dependem uma da outra.
0,04098	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Raiva (doença)?' dependem uma da outra.
0,69613	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Raiva é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,13804	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Toxoplasmose?' independem uma da outra.
0,09884	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Toxoplasmose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,83612	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Quando o seu animal aparenta estar doente, o que você faz? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,22947	A pergunta 'Qual é a renda total do seu agregado familiar?' e a pergunta 'Você tem conhecimento sobre alguma doença transmitida pelos animais aos seres humanos?' independem uma da outra.
0,52168	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Onde você costuma comprar a ração do seu animal?' independem uma da outra.
0,01442	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'O que você leva em consideração na hora de escolher uma ração? (Várias alternativas)' dependem uma da outra.
0,50478	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vacinado?' independem uma da outra.
0,99997	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Local onde realiza a vacinação:' independem uma da outra.
0,21780	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'O seu animal foi vacinado contra a raiva (vacina antirrábica) no último ano?' independem uma da outra.
0,97955	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você faz controle de pulga/carrapato no seu animal (coleiras repelentes, produtos tópicos, medicamentos via oral, etc)?' independem uma da outra.
0,10347	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Com qual frequência o seu animal é vermifugado?' independem uma da outra.

0,06487	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'O seu animal (ou pelo menos 1 dos seus animais) é castrado?' independem uma da outra.
0,25240	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você escova os dentes do seu animal?' independem uma da outra.
0,38320	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Leishmaniose?' independem uma da outra.
0,05045	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você faz algo para proteger o seu animal contra a leishmaniose?' independem uma da outra.
0,44950	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você sabe como a leishmaniose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,87872	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Raiva (doença)?' independem uma da outra.
0,93786	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Raiva é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.
0,03607	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Você já ouviu falar ou tem algum conhecimento sobre a Toxoplasmose?' dependem uma da outra.
0,70211	A pergunta 'Qual é o seu nível de escolaridade?' e a pergunta 'Se sim, como você acha que a Toxoplasmose é transmitida aos seres humanos? (Várias alternativas)' independem uma da outra.